

LUANA GREGÓRIO PEREIRA
MARIA EMILIA SARDELICH

**RAÍZES OCEÂNICAS:
PERCURSOS DE ARTISTAS EM
ALAGOAS**





**RAÍZES OCEÂNICAS:
PERCURSOS DE ARTISTAS EM
ALAGOAS**

**LUANA GREGÓRIO PEREIRA
MARIA EMILIA SARDELICH**



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
REITOR: TEREZINHA DOMICIANO DANTAS MARTINS
VICE-REITORA: MÔNICA NÓBREGA



CENTRO DE COMUNICAÇÃO TURISMO E ARTES
DIRETOR: ULISSES CARVALHO SILVA
VICE-DIRETORA: FABIANA CARDOSO SIQUEIRA



EDITOR
Dr Ulisses Carvalho Silva
CONSELHO EDITORIAL DESTA PUBLICAÇÃO
Dr Ulisses Carvalho Silva
Carlos José Cartaxo
Magno Alexon Bezerra Seabra
José Francisco de Melo Neto
José David Campos Fernandes
Marcílio Fagner Onofre
SECRETÁRIO DO CONSELHO EDITORIAL
Paulo Vieira
LABORATÓRIO DE JORNALISMO E EDITORAÇÃO
COORDENADOR
Pedro Nunes Filho

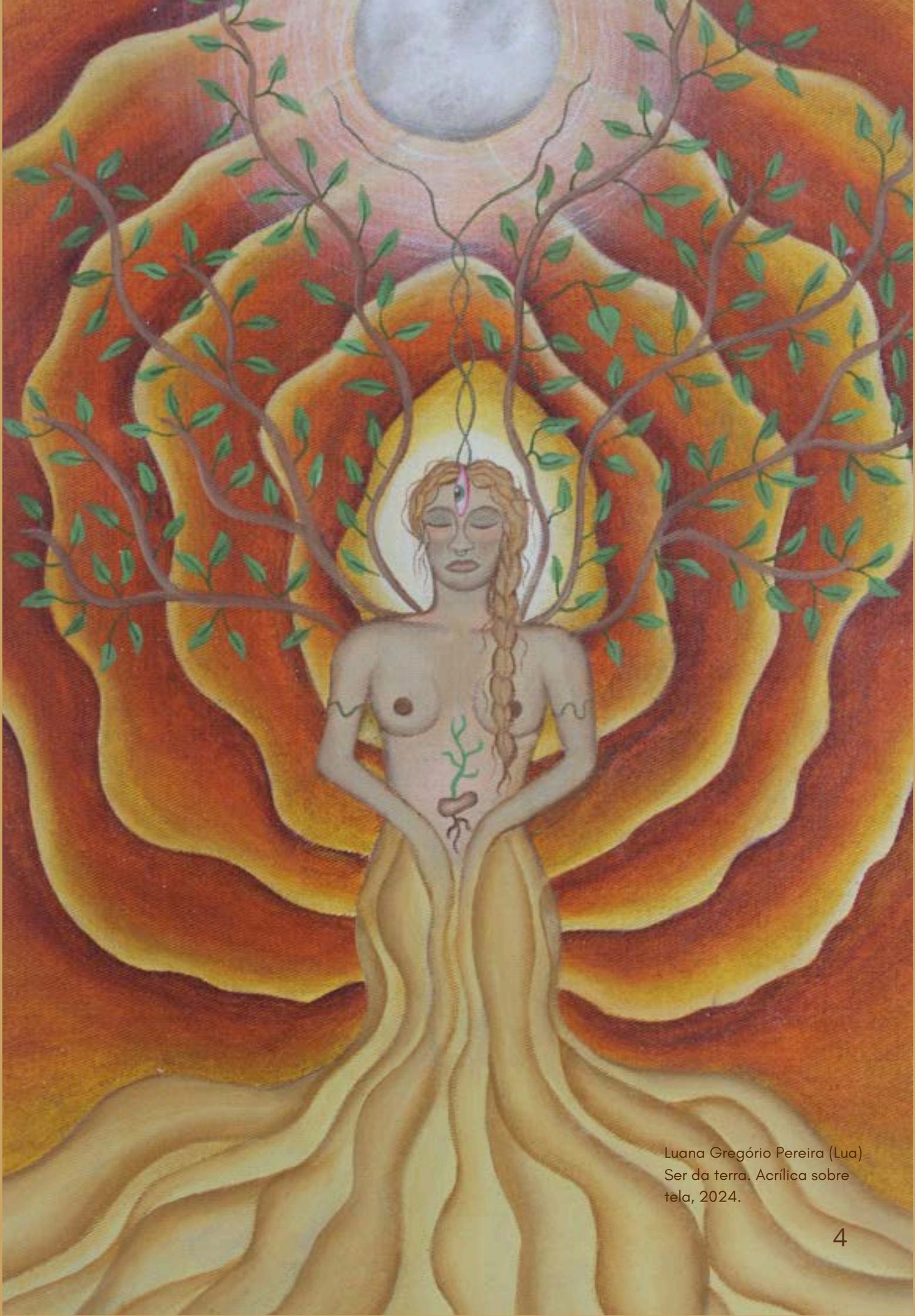
Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

P436r Raízes oceânicas : percursos de artistas em Alagoas [recurso eletrônico] / Luana Gregório Pereira, Maria Emilia Sardelich (Organizadoras). – Dados eletrônicos. – João Pessoa : Editora do CCTA, 2025.
116 p. il.

ISBN 978-65-5621-568-6 (E-book)
Modo de acesso: World Wide Web.

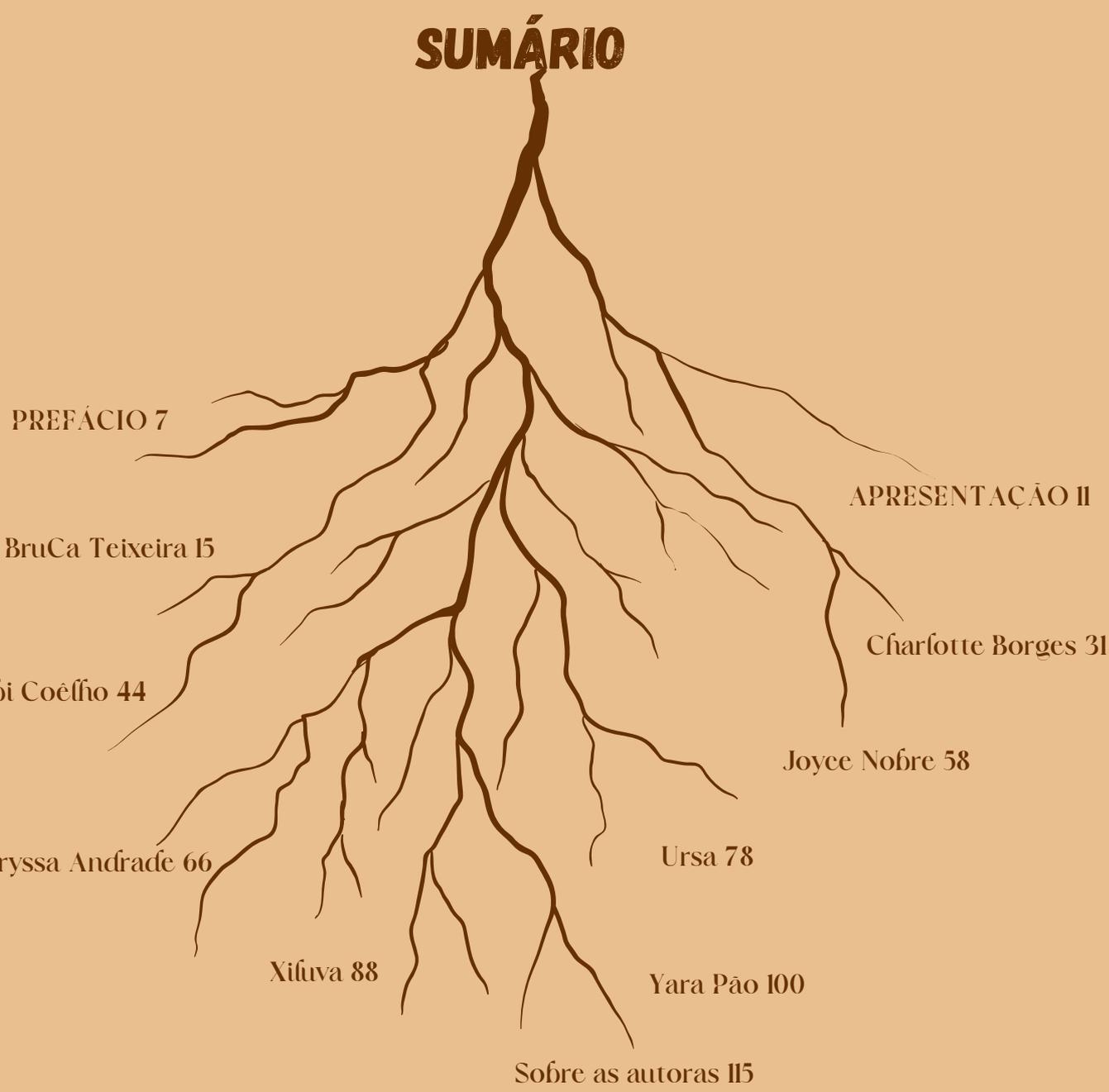
1. Pinturas. 2. Artes visuais. 3. Artistas alagoanos. I. Pereira, Luana Gregório. II. Sardelich, Maria Emilia.

CDU 75.051



Luana Gregório Pereira (Lua)
Ser da terra. Acrílica sobre tela, 2024.

SUMÁRIO



PREFÁCIO 7

BruCa Teixeira 15

Gabi Coêlho 44

Laryssa Andrade 66

Xifúva 88

Sobre as autoras 115

APRESENTAÇÃO II

Charfotte Borges 31

Joyce Nobre 58

Ursa 78

Yara Pão 100

Luana Gregório Pereira (Lua)
Ser das águas. Acrílica sobre tela, 2024.



PREFÁCIO

Prezado Colecionador de Arte,

Notamos que a sua coleção, como a maior parte delas, não contém muitas obras de mulheres. Sabemos que você se sente péssimo com isso e irá corrigir a situação imediatamente.

Com carinho,
Guerrilla Girls
1986

O apelo irônico do coletivo estadunidense Guerrilla Girls ressoa até hoje em várias partes do mundo, quase quarenta anos depois. O dizer acima faz parte de uma peça icônica do coletivo, impressa em papel rosa, escrito com uma delicada grafia em um poster (MASP, 2017)¹. Elementos delicados e contundentes para chamar a atenção de colecionadores e curadores para o fato de que, grandes coleções e acervos de artes visuais valorizam mais obras produzidas por homens do que mulheres: “sabemos que você se sente péssimo com isso”. Ou melhor, se não sente, deveria sentir.

Será que ainda precisaremos nos vestir com cabeças de gorilas, ir para frente dos museus e bradar em som alto que mulheres artistas produzem arte de alta qualidade e que deveriam estar presentes como protagonistas e não apenas nuas, como musas inspiradoras? Talvez ainda sim, talvez ainda precisemos usar da ironia, bom humor e um pouco de agressividade para dizer o óbvio sobre a produção de artistas mulheres e todos aqueles dissidentes que continuam invisibilizados em tantos acervos artísticos.

¹ MASP. Guerrilla Girls: gráfica 1985–2017. São Paulo: MASP, 2017.

Excluir é uma forma de reproduzir a violência que assola grande parte das mulheres do nosso país. Segundo o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) a maioria da população brasileira é formada por mulheres (51,1%). Em Alagoas, o número de mulheres é maior (52,2%)². As taxas de feminicídio no Brasil são altíssimas³, e as regiões norte e nordeste lideram as taxas de homicídios femininos em comparação às regiões Sul e Sudeste.

Mas o que o mundo da arte tem a ver com isso? Andrea Giunta, uma importante curadora e historiadora de arte argentina, sublinha o quanto o mundo da arte funciona como uma tela e muitas violências replicam-se sob o formato de “exclusão, da desclassificação, dos mecanismos de desautorização e de invisibilização”. A violência simbólica, como é subestimar a produção de mulheres artistas, é “uma forma eficaz de eliminar as vozes dissidentes” (Giunta, 2019, p. 24)⁴.

Nesta direção, o livro “Raízes Oceânicas: percursos de artistas em Alagoas” de Luana Gregório Pereira e Maria Emília Sardelich é um alento. O livro, que se origina da dissertação de Luana, sob a orientação de Maria Emília, no Programa Associado de Pós-Graduação em Artes Visuais (PPGAV), da Universidade Federal da Paraíba e Universidade Federal de Pernambuco, torna visíveis as produções de mulheres artistas de Alagoas em toda a sua multiplicidade. As mulheres aqui, vibram na diferença e na ruptura de padrões: elas são queer, negras, indígenas, mães, grafiteiras, tatuadoras, educadoras, militantes, estudantes e tantas outras possibilidades que cada experiência e cada produção singular gera. O livro as ilumina, amplifica suas vozes, coloca em evidência suas imagens e narrativas. Apesar de tudo o que já foi feito e debatido por investigadoras feministas no Brasil e no mundo, há ainda muito a ser feito em relação a visibilidade de artistas dissidentes aos cânones tradicionais do campo artístico, mais ainda fora do eixo sul-sudeste do Brasil.

² Ver dados detalhados aqui: <https://cidades.ibge.gov.br/>

³ Em 2023, foram 1.438 casos de feminicídio e 2.707 casos de homicídio doloso e lesão corporal seguidas de morte de mulheres. Em 2024, foram 1.450 feminicídios e 2.485 homicídios dolosos e lesões corporais seguidas de morte. (Fonte: Relatório anual socioeconômico da mulher: RASEAM, 2025).

⁴ GIUNTA, Andrea. Feminismo y arte latinoamericano: historias de artistas que emanciparon el cuerpo. Buenos Aires: Siglo XXI, 2019.

Este livro, dessa forma, inscreve-se como uma intervenção, que dá a ver que um direito nosso está sendo cerceado, como destaca Andrea Giunta:

(...) conhecer a ampla porcentagem de obras que por razões de gênero resultam invisíveis e as razões pelas quais o sistema de arte não permite ver, expor, vender ou colecionar obras que mantem fora de sua órbita. Em outras palavras, podem contribuir a uma mudança que permite acessar àquilo que permanece invisibilizado. (Giunta, 2019, p. 29).

Como leitoras atentas de várias partes do país, a nossa tarefa é não deixar de nos interrogar, problematizar sempre as condições e circunstâncias da produção e visibilidade de mulheres artistas brasileiras, desnaturalizando lugares comuns, iluminando produções e experiências artísticas que merecem ser vistas, pensadas, sentidas por toda e qualquer pessoa.

Prezadas leitoras e leitores, sabemos que vocês se sentiam péssimas e péssimos (até agora) por não conhecerem estas mulheres artistas de Alagoas, mas vão corrigir esta lacuna imediatamente.

**Com carinho,
Luciana Gruppelli Loponte⁵
Porto Alegre, maio de 2025**

⁵ Doutora em Educação, é professora titular da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, atuando com arte e educação na graduação e na pós-graduação. É líder do ARTEVERSA - Grupo de estudo e pesquisa em arte e docência e tem várias publicações sobre arte, educação e feminismos.



Luana Gregório Pereira (Lua)
Entre diluições e enraizamentos, ser.
Acrílica sobre tela, 2024.

APRESENTAÇÃO

O livro que oferecemos sob o título *Raízes Oceânicas: percursos de artistas em Alagoas* é um desdobramento da dissertação de Luana Gregório Pereira, intitulada *Objeto propositor poético: cocriação entre os corpos discente/docente como estratégia para conhecer artistas mulheres*, apresentada ao Programa Associado de Pós-Graduação em Artes Visuais (PPGAV), da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), vinculada à Linha de Pesquisa: *Processos Educacionais em Artes Visuais*.

Esta obra ganhou forma a partir do encontro de duas artistas, docentes e investigadoras do Grupo de Pesquisa em Ensino das Artes Visuais (GPEAV), da UFPB, com interesses comuns em torno do projeto *Artes Visuais e Feminismos: interconexões entre a crítica, história da arte e formação*. Multiadjetivado como *afrolatinoamericano, branco, burguês, camponês, ciber, comunitário, contra colonial, decolonial, eco, expandido, indígena, institucional, interseccional, liberal, marxista, negro, popular, pós-colonial, pós-humano, radical, trans, e outras muitas denominações ainda por vir*, o feminismo tem sido historicamente vinculado às ações das trabalhadoras *anarquistas, comunistas, socialistas e sufragistas de finais do século XIX*.

Tem sido tantas as diferenças do feminismo, a depender das necessidades das diversas mulheres do planeta, que utilizamos o termo no plural, *feminismos*, entendendo como o conjunto dos movimentos de ideias, denúncias, proposições, reivindicações, ações autônomas e institucionais, para a transformação das relações de um sistema social que trata desigualmente pessoas em virtude de seu *sexo/gênero/raça/classe*, gerando *discriminação, exclusão, iniquidade, opressão, subalternidade, epistemicídios, genocídios, memoricídios da alteridade*.

Segundo as Estatísticas de gênero: indicadores sociais das mulheres no Brasil de 2024, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), mesmo que as mulheres sejam mais escolarizadas, somente 17,9% das cadeiras da Câmara dos Deputados são ocupadas por parlamentares do sexo feminino, sendo que cinco das 27 unidades federativas - Alagoas, Amazonas, Paraíba, Piauí e Tocantins- ainda não contavam com nenhuma deputada mulher. No mercado de trabalho homens com uma criança de até 6 anos em casa marcam uma taxa de ocupação mais alta, 89%, e mulheres na mesma situação 56,6%. Apesar de inseridas no mercado, esse 56,6% de mulheres “ocupadas” ainda necessita conciliar a dupla jornada de seus afazeres domésticos, devido ao que “chamam de amor”, mas reconhecemos como trabalho não remunerado.

No sistema da arte essas inaceitáveis desigualdades se mantêm, como evidenciam as estatísticas que as artistas e ativistas Guerrilas Girls apresentaram em relação ao Museu de Arte de São Paulo em 2017: 6% de artistas do acervo em exposição são mulheres, porém 60% dos corpos nus representados são de mulheres. Um exemplo de uma das vantagens de ser uma artista mulher, além de “trabalhar sem a pressão do sucesso ou ter a oportunidade de escolher sua carreira ou a maternidade”.

Pesquisadoras brasileiras, como Ana Paula Simioni e Madalena Zaccara, entre outras, têm apontado como o histórico cerceamento institucional negou às mulheres formação artística, posto que a Escola Nacional de Belas Artes (ENBA), a antiga Academia Imperial de Belas Artes do Rio de Janeiro, só passou a aceitar matrículas de mulheres a partir de 1892 e, especificamente na região Nordeste, somente em 1932, com a fundação da Escola de Belas Artes no Recife. A propósito, na terceira década do século XXI a reivindicação de formação artística em Alagoas, e especificamente na capital, Maceió, é uma constante na fala das oito artistas entrevistadas que compõem este livro.

Como artistas, docentes e investigadoras, que se reconhecem como feministas, poderíamos propor diversas estratégias para fazer frente às desigualdades de gênero, raça, sexualidade na história da arte e dar a ver a exclusão que sempre favoreceu aos homens brancos no sistema da arte do Brasil, do Nordeste e de Alagoas. Porém preferimos fazer circular o posicionamento das próprias artistas contemporâneas que atuam em Maceió por meio de suas palavras.

Chegamos às oito artistas graças a exposição “Amostradas”, com curadoria de Bruna (bruCa) Teixeira e Kelcy Mary, que aconteceu na Galeria de Artes Visuais do Complexo Cultural Teatro Deodoro, em Maceió, no período de 16 de maio a 16 de junho de 2023. Nossos sinceros agradecimentos à bruCa teiXeira, Charlotte Borges, Gabi Coelho, Joyce Nobre, Laryssa Andrade, Ursa, Xiluva e Yara Pão que encontraram um tempo para nos atender e responder pacientemente nossas perguntas em meio a tantas demandas cotidianas.

Muitos são os sentidos que poderemos atribuir ao pensamento das oito artistas entrevistadas que não necessariamente se reconhecem como feministas, mas consideramos que suas obras possibilitam leituras feministas. Para nós, as palavras dessas mulheres sobre os desafios de tornar-se artista, suas referências, seus processos de criação gerados em meio a tantas adversidades apontam para um modo de pensar que não se dobra à lógica binária da identidade, mas à pluralidade de subjetividades mais ou menos constrangidas por práticas disciplinadoras e de controle, por discursos e saberes instituídos. Subjetividades inseridas em complexas relações sociais, que rompem com um enquadramento conceitual normativo de gênero e sexualidade.



As palavras dessas artistas valorizam categorias plurais, múltiplas, pois o mundo manifesta-se nas diferenças e ganha sentido a partir de diferentes matrizes de entendimento. São olhares perturbadores, desestabilizadores, inquietantes, voltados para os problemas de si, que revelam suas histórias para compreender práticas opressivas das incontáveis formas de estigmatização que tentam impor sobre seus corpos.

Desejamos que desfrutem da leitura.

Luana Gregório Pereira

Maria Emilia Sardelich

João Pessoa/Maceió, Junho de 2025.

BRUCA TEIXEIRA



Macció, Afagoas, 1987

www.brucateixeira.com.br

@brucateixeira

bruCa é queer, um ser pensante e agitador, inquieta, com uma imensa vontade de viver, criar e aprender. Amo encerrar e abrir novos ciclos, e atualmente venho reivindicando o meu corpo plural.



Um Fardo, 2021

100 x 80cm

Pintura digital com impressão fine art sobre tela canson

Como foi seu processo de descobrir-se artista, tornar-se artista?

Eu tenho uma primeira formação na Biologia. Trabalhei por algum tempo, uns quinze anos como bióloga marinha e nos últimos dez anos eu comecei a me aproximar da cultura. Primeiro me enveredei pela parte do patrimônio cultural, Educação Patrimonial. Nessa época eu morava na Bahia, morei e trabalhei 11 anos lá. Tive que sair de Maceió para trabalhar na Bahia e, de lá, mais ou menos em 2014, foi quando eu comecei a deixar a Biologia para entrar nas artes e o caminho foi pelo patrimônio cultural. Então, nessa época trabalhei com capoeira, com samba de roda, com oficinas de tambor, entre outras coisas. Depois, quando voltei para Maceió, foi quando as Artes Visuais e o Audiovisual começaram a me chegar mais forte. Eu já era apaixonada por exposições, era uma super consumidora disso tudo. Vivia também em galerias lá em Salvador, mas quando eu cheguei de volta a Maceió foi quando eu comecei realmente a falar: “não, eu já cansei de estar nessa parte de gestão, de planejar projetos e eu quero estar lá na ponta, eu quero ser artista mesmo!” Quando comecei entrar no campo da arte e da cultura, eu comecei a escrever projetos, fazer a captação, fui parecerista, mas sempre contratava artistas para executar os projetos que planejava, até que chegou o momento que falei: “Não, agora eu quero realmente me expressar! Eu quero realmente ser parte disso e olhar aquilo com certo orgulho ali e falar: olha lá, eu que fiz! Agora eu quero expor”. Isso aconteceu a, mais ou menos, uns cinco anos, já aqui de volta a Maceió.



Em negociação, 2021
100x66cm
Pintura digital com
impressão fine art e
acabamento em
chassi.

Como você percebe a sua produção artística e o que ela representa para você?

Eu percebo que o meu trabalho inicial com as colagens tinha uma questão de denúncia, de denúncia social em relação às coisas que estavam acontecendo na época, também da pandemia. Foi muito forte também o meu trabalho de colagem anticapacitista¹, com a deficiência. Fiz um trabalho muito longo com isso, que foi também a minha dissertação de Mestrado. Eu percebo que eu começo e sempre retorno a essa expressão mais ativista. Atualmente eu venho também tentando construir uma poética que abra mais diálogos. Eu enxergo a minha produção artística como uma arte ativista, mas eu prefiro entendê-la como uma arte do diálogo, da abertura do diálogo. Na verdade, para mim, ela representa um pouco isso: essa expressão de uma poética que convida para o diálogo de questões queer, muitas vezes, difíceis para a maior parte da sociedade.

¹ As práticas anticapacitista contestam a discriminação contra as pessoas com deficiência.



Quais são as referências que compõem o seu repertório cultural e que acabam influenciando as suas próprias criações?

Sobre as referências, elas dependem muito do projeto que vou criar, principalmente em projetos que não são investigativos, que são mais de produção via edital. Por exemplo, em um projeto que a gente fez que foi "Bolacha com Café" junto com o Ateliê Ambrosina². Quando eu convidei duas ilustradoras para fazermos o trabalho do "Amar é..."³ em uma versão lésbica, a referência cultural foram aquelas ilustrações da década de 1960, se eu não me engano, ou 1970, daquele caszinho com os dizeres "Amar é". Nós percebemos que tínhamos um monte de coisas, papel de carta, adesivos da época e fizemos uma releitura dessas imagens em versão lésbica. As minhas produções mais atuais, que são duas videoarte, as duas videoinstalações "Susanna e os Velhos"⁴ e "Menines de Mirian", por exemplo tem uma referência no Bill Viola. Então, vai depender. O trabalho Deficiena, que é um curta-metragem que eu vou estreiar agora, nesse ano de 2024, as referências são de Anahí Guedes de Mello e Rosemarie Garland-Thomson, estudiosas da deficiência a partir da Antropologia e Bioética. Então, as referências vão depender do projeto em que eu me envolver e o que influencia muito as minhas criações. Sobre as referências de caráter mais investigativo e menos autodidata, digamos, ainda estou criando esse repertório como discente dos cursos de Bacharelado e Doutorado em Artes Visuais, na Unb.

² Ateliê Ambrosina - Organização Não Governamental - @ateliêambrosina

³ No final dos anos 1960, Kim Grove (1941), cartunista da Nova Zelândia, criou as tirinhas conhecidas como Amar É...

⁴ Episódio bíblico que consta no livro de Daniel representado por vários artistas europeus. As representações de artistas homens diferem da representação de artistas mulheres como, por exemplo, a de Artemisia Gentileschi (1593 - 1653) realizada entre os anos de 1610-1611.

Sua produção artística perpassa diferentes linguagens, como pintura, desenho, audiovisual, entre outros. O que lhe move a transitar por essas diferentes linguagens?

Eu tenho uma inquietude e uma dificuldade de entender que eu preciso me expressar, apenas por um tipo de material, um tipo de técnica, porque isso, me limita demais. Tem determinados assuntos que eu prefiro lidar com uma colagem. Outros assuntos eu acho que é interessante o Audiovisual, o Glitch⁵, a pintura digital, a pixel art. Eu sou da arte e tecnologia. Atualmente eu venho tentando ampliar o meu próximo projeto a partir daí. Então, transitar por diferentes linguagens é porque ficar numa só não é o meu forte. Eu não sou desse perfil de artista que a gente entendia dentro da História da Arte, como gênio, o gênio como uma destreza e habilidade única. Eu sou e tenho mais afinidade com a Arte Contemporânea, que é ideia, processo e expressão, é a possibilidade de você experimentar as estéticas e as materialidades e perceber aquilo que você tem afinidade. Eu não tenho a menor pretensão de ser uma “gênia” em nenhuma delas, em nenhuma das técnicas, mas minha pretensão é elaborar uma poética que faça perguntas, muito mais do que trazer respostas.

Há alguma produção artística, ou algum processo criativo, que marcou sua produção e lhe motivou a continuar acreditando nela?

Sim, eu acho que “Menines de Mirian”⁶ marcou o início da minha carreira enquanto artista, videoartista, artista visual porque foi um trabalho que foi financiado pela Lei Aldir Blanc e que ganhou a repercussão de um edital de cultura em nível nacional em uma instituição que a gente costuma admirar muito, que é o Museu de Arte Contemporânea da USP - o MAC.

⁵ A glitch art é uma técnica de arte computacional que cria estéticas visuais, a partir do hackeamento, do rompimento de dados do sistema operacional e do arquivo original.

⁶ Menines de Mirian parte de dois desenhos da artista alagoana Mirian Falcão Lima (1892-1945), realizados na década de 1920. Notas sobre a videoinstalação de bruCa teixeira no Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo - MAC USP. Disponível em: <http://www.mac.usp.br/mac/expos/2022/menines-de-mirian/index.html>

No ano passado [2022] eu participei de um edital de seleção nacional e fui selecionada, só três artistas foram selecionadas para uma exposição individual. Foi minha primeira exposição individual com esse tipo de mérito nacional e, para mim, foi muito relevante. Essa videoinstalação, “Menines de Mirian”, foi um trabalho que me marcou bastante e essa seleção do MAC foi um divisor de águas. Eu percebi o que eu estava fazendo e, também, que eu podia fazer muitas outras coisas diferentes, inclusive, mas que aquilo que eu já estava fazendo, mesmo sendo de uma maneira autodidata, as pessoas queriam ouvir. Havia um público ali, do outro lado, e um público conceituado que eu jamais poderia imaginar que eu poderia ser selecionada em um edital como esse. Nesse momento eu recebi muitos feedbacks, porque foram três meses de exposição, de dezembro de 2022 até março de 2023. Isso para mim, fez com que eu tomasse a decisão, inclusive, de vir fazer o doutorado em Artes Visuais. Atualmente, eu estou no doutorado de Artes Visuais, na Universidade de Brasília (UnB), na verdade estou fazendo os dois atualmente, eu sou tanto graduanda de Artes Visuais, bacharelado, como doutoranda de Artes Visuais na UnB, na linha de pesquisa de Arte e Tecnologia da UNB.

Você é fundadora da Organização Não Governamental (ONG) arte-feminista Ateliê Ambrosina. Você poderia falar um pouco sobre esse projeto e as ações desenvolvidas?

Sim, eu sou fundadora da ONG Ambrosina. Quando eu voltei para Maceió, que foi em 2017, eu reuni uma galerinha que eu já conhecia, uma mulherada pesada do ativismo, da pesquisa, do teatro, da antropologia, enfim, de diversas áreas e aí coloquei essa ideia. A primeira coisa que eu fiz ao voltar a Maceió foi pesquisar aquelas organizações, coletivos, que já existiam. Daí eu percebi que não existia nenhuma independente, todos os movimentos feministas de Maceió eram movimentos ligados a partidos políticos e eu não tinha a menor vontade de fazer isso.

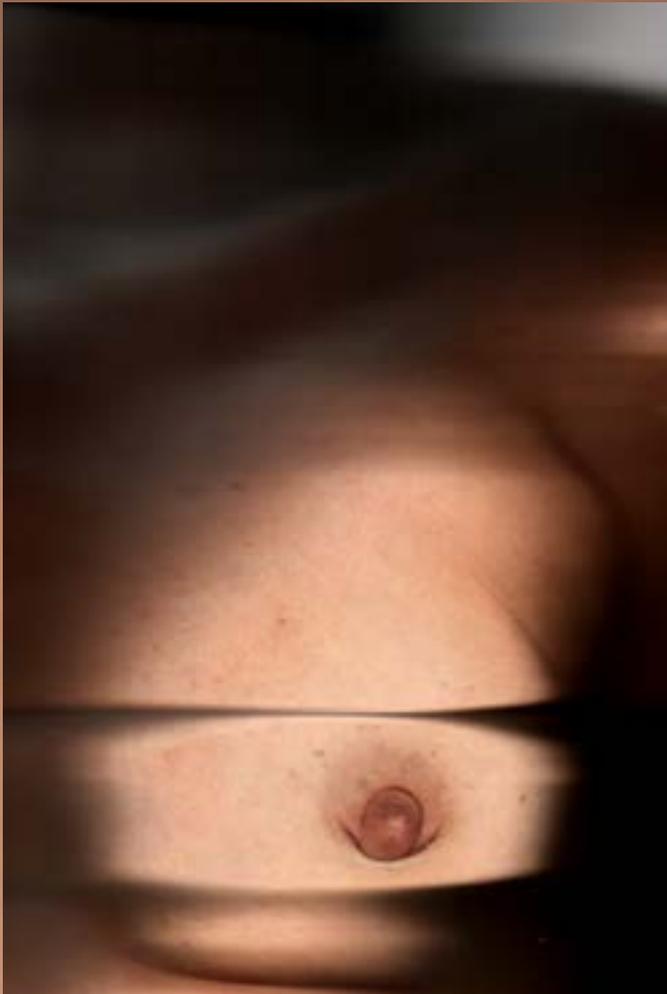
Eu queria independência de ação e não quero estar vinculada a nenhum tipo de partido político, principalmente em Alagoas, que é um estado bem complicado, disputas políticas bem complicadas da gente lidar. Então, foi quando a gente fundou o Ateliê Ambrosina, em janeiro de 2018 e que até agora vem desenvolvendo um trabalho que é pioneiro. Temos aula de cinema, artes digitais, futsal, teatro, dança pra meninas de 11 anos de idade até 21. Hoje, as nossas primeiras alunas já estão à frente da gestão. A próxima diretoria que vai ser formada, já vai ser formada com as nossas primeiras alunas que hoje já tem 21, 22, 23 anos. Mas, além desse trabalho do Pontal da Barra, também temos outros. Sempre financiamos projetos com os editais culturais. Temos o cineclube “Bete Balanço Cineclube”. O nosso primeiro projeto aprovado foi o projeto “Bolacha com Café”, que foi de ativismo lésbico em Maceió, financiado por um edital nacional do Fundo Elas. A gente tem trabalhos com audiovisual, dois curtas metragens da “Miss Paripueira” e vamos fazer nosso terceiro curta-metragem, “Se as ruas fossem delas”, que foi a primeira campanha, a primeira pesquisa que a gente fez em Alagoas, em Maceió, começando lá em 2017, um levantamento dos nomes das ruas de Maceió, para identificar esse percentual de gênero que homenageia homens e mulheres. E aí foi um babado, foi uma tretinha, que foi ótimo, gostamos muito. Sempre estamos nos movimentando nesse lugar. Desde os dois últimos anos, as meninas mais jovens estão mais à frente desse projeto e eu estou focada em minha produção artística. Estou dando um tempinho, um pouco de fora da primeira linha da Ambrosina, mas faço parte desse conselho, estou sempre por perto.

No ano passado [2022] eu participei de um edital de seleção nacional e fui selecionada, só três artistas foram selecionadas para uma exposição individual. Foi minha primeira exposição individual com esse tipo de mérito nacional e, para mim, foi muito relevante. Essa videoinstalação, “Menines de Mirian”, foi um trabalho que me marcou bastante e essa seleção do MAC foi um divisor de águas. Eu percebi o que eu estava fazendo e, também, que eu podia fazer muitas outras coisas diferentes, inclusive, mas que aquilo que eu já estava fazendo, mesmo sendo de uma maneira autodidata, as pessoas queriam ouvir. Havia um público ali, do outro lado, e um público conceituado que eu jamais poderia imaginar que eu poderia ser selecionada em um edital como esse. Nesse momento eu recebi muitos feedbacks, porque foram três meses de exposição, de dezembro de 2022 até março de 2023. Isso para mim, fez com que eu tomasse a decisão, inclusive, de vir fazer o doutorado em Artes Visuais. Atualmente, eu estou no doutorado de Artes Visuais, na Universidade de Brasília (UnB), na verdade estou fazendo os dois atualmente, eu sou tanto graduanda de Artes Visuais, bacharelado, como doutoranda de Artes Visuais na UnB, na linha de pesquisa de Arte e Tecnologia da UNB.

Você é fundadora da Organização Não Governamental (ONG) arte-feminista Ateliê Ambrosina. Você poderia falar um pouco sobre esse projeto e as ações desenvolvidas?

Sim, eu sou fundadora da ONG Ambrosina. Quando eu voltei para Maceió, que foi em 2017, eu reuni uma galerinha que eu já conhecia, uma mulherada pesada do ativismo, da pesquisa, do teatro, da antropologia, enfim, de diversas áreas e aí coloquei essa ideia. A primeira coisa que eu fiz ao voltar a Maceió foi pesquisar aquelas organizações, coletivos, que já existiam. Daí eu percebi que não existia nenhuma independente, todos os movimentos feministas de Maceió eram movimentos ligados a partidos políticos e eu não tinha a menor vontade de fazer isso.

eles só estavam lá e foram ficando
(aparições), 2024
60x40cm
Capturas de scanner e impressas em vidro



Pensando no cenário alagoano, como é ser uma artista independente? Quais os incentivos que você recebe do Estado?

Na verdade, é impossível ser artista independente, da periferia, LGBT, pessoas negras, com deficiência, etc..... Não tem como conseguir viver somente de arte em Alagoas porque a gente tem que fazer milhões de coisas ao mesmo tempo. Então, a maneira que eu tenho de me sustentar, é trabalhar com arte diversificando, é tendo uma editora independente, é fazendo um filme, um audiovisual, fazendo website de vez em quando, fazendo consultoria, sendo parecerista, ou seja, acho que a maneira que a gente tem de viver de arte em Alagoas é diversificar, só que aí você também não consegue se dedicar a um projeto seu, autoral com muito tempo para produzir, porque você vai estar fazendo 300.000 coisas para conseguir pagar suas contas. Então, assim, um incentivo que a gente tem, na verdade do Estado, é partir do nosso mérito em concorrer aos editais. Eu sou a favor dos editais, para mim é a principal política pública atual, democrática, que a gente tem. Claro que precisa melhorar bastante ainda, sobretudo a gestão dos editais, a execução dos editais que tem um uma equipe tanto da Secretaria de Estado da Cultura -Secult- quanto da Fundação Municipal de Ação Cultural- FMAC - e da secretaria do município muito pouco habilidosa, na verdade, com pouca prática, com pouca experiência na aplicação e execução de políticas culturais a partir dos editais. Mas, isso está mudando, está melhorando.

Puxando para essa coisa da invisibilidade de artistas a partir dos atravessamentos de classe, raça, gênero, sexualidade, eu acho que Alagoas é típico, exhibe tipicamente essa discrepância, quando você encontrar artistas que conseguiram alcançar, entre aspas né, essa “elite das artes visuais” e do próprio audiovisual, eu acho, tem uma classe socioeconômica completamente diferente da maioria de artistas alagoanos. Essa “elite” são pessoas de classes socioeconômicas altas, que conseguem acessar e fazer relações internacionais, nacionais etc. A gente, que é a grande maioria de artistas, na maioria das vezes nós temos formações autodidatas, porque a gente não tem formação em Alagoas para as Artes Visuais, nem audiovisual e cinema. Então, a gente precisa se movimentar, a gente precisa sair daqui, como eu tive que sair de Maceió, porque senão eu não consigo me formar e ter acesso à formações técnicas e acadêmicas nas artes visuais ou no cinema ou audiovisual. Tem essa mobilidade compulsória, você precisa sair da sua terra natal para poder se formar, e isso é muito agressivo com os artistas, até mesmo porque nem todo mundo consegue fazer isso, nem todo mundo tem recursos pra poder fazer isso, inclusive.

Você e a Kelcy Mary foram curadoras da exposição “Amostradas”, que reunia o trabalho de 20 artistas alagoanas, bem como, a primeira publicação de Artes Visuais do Estado, dando visibilidade a artistas e seus trabalhos. Como você compreende o impacto dessas ações?

“Amostradas” foi uma experiência incrível, foi um produto, realmente, que vai ficar marcado, eu acho, para história das artes visuais em Alagoas. Eu costumo dizer que são vinte “mulheridades” porque tem mais de vinte artistas contando com o coletivo “Punho Coletivo”, com mais de cinco artistas. “Amostradas” é um divisor de águas, também, para Alagoas um trabalho como esse, uma publicação como essa e tem que existir mais, tem que se fazer mais, tem que ter mais edições. Uma das coisas que foi muito interessante em “Amostradas”, que foi combinado com Kelcy⁷, é que a publicação não fosse um catálogo, mas que trouxesse uma proposta de narrativa. Por isso selecionamos artistas que, de alguma maneira, incomodam as tradições alagoanas das artes visuais por vários motivos, seja pelo próprio traço, seja pela proposta, seja pelo corpo, seja pelo gênero, sexualidade etc... Foram as amostradas mesmo, a galera que incomoda que a gente estava querendo colocar nessa primeira edição. Tem bastante, tem muitas outras. Tomara que pela frente, a gente possa fazer novas edições.

⁷ Psicóloga clínica, pesquisadora sobre Arte e Saúde responsável pela @cuidadoriadoser, mestrado em psicologia pela Ufal (2019) pesquisando com o coletivo de bordadeiras @bordazul.

Com que frequência você se sente representada ou vê corpos como o seu nos espaços artísticos?

Em Maceió, só nos espaços independentes. É muito raro a gente se sentir representada dentro de instituições que tem grande relevância de visibilidade dentro das artes visuais, só nos espaços periféricos, independentes. Falta muito ainda, os corpos queer, os corpos que desafiam esse controle dessas regras de corpo-normatividade. Eu acho que a gente precisa explorar mais as nossas poéticas e ocupar mais esses outros espaços para a gente se sentir, para conseguir expressar o nosso modo de ver, a nossa experiência de ver o mundo, que é bastante diferente das pessoas cis heteronormativas e que ocupam a maior parte do cinema independente e das galerias de artes visuais.

Você poderia citar algumas artistas alagoanas que são referências para você?

Geo Brandão⁸, artista visual, Ticiane Simões⁹, que é atriz. Elza Evangelista¹⁰, que é performer. Mel Nascimento¹¹, que é sambista. Marta Arruda¹² e Amanda Bambu¹³. Tem algumas outras, mas, por agora vou ficar com estas.

Há algo mais que você deseja compartilhar conosco?

Que a luta está só começando. A gente ainda tem muita revolução visual para fazer, artística, poética, estética em Alagoas. A gente precisa sair, precisa voltar também, se a gente quiser mudar coisas e mudar realidades. Então, a gente sai para se formar e volta para potencializar aquelas que ficaram, aquelas que não puderam vir.

⁸ Geoneide Brandão, artista de Alagoas @geocentrismo.

⁹ Ticiane Simões, atriz, militante feminista no @ateliambrosina - @ticiane.simões

¹⁰ Elza Evangelista, artista, Dj, performer @elzaevangelistaa

¹¹ Mel Nascimento, artista @melnascimento._

¹² Marta Arruda, escultora @marta_arruda

¹³ Amanda Bambu, fotógrafa @amandabambu

CHARLOTTE BORGES

Maceió, Alagoas, 1995

[@charlotteborgesart](https://www.instagram.com/charlotteborgesart)

www.behance.net/charlotteborges





Nasci e moro em Maceió, tenho 29 anos, sou formada em Comunicação Social, com habilitação em jornalismo pela Universidade Federal de Sergipe (UFS) e mestranda em Comunicação também na UFS. Atualmente estou com dedicação exclusiva ao mestrado, mas paralelo à pesquisa, trabalho como tatuadora de handpoke, fotógrafa e ilustradora freelancer. Meu trabalho nas artes explora temáticas afro centradas. Também sou integrante do “Punho Coletivo”, primeiro coletivo de mulheres da imagem de Alagoas.

”



IBEJIS, 2023
Ilustração digital

Como foi seu processo de descobrir-se artista, tornar-se artista?

Desde pequena, sempre tive muita facilidade em me expressar e me comunicar visualmente, acho que isso facilitou muito meu processo que foi bastante intuitivo, também fui muito incentivada e estimulada a exercitar o imaginário pelas minhas mães. Mas foi nas minhas vivências na universidade e durante o curso de comunicação, em 2015, que eu senti que amadureci minhas percepções e comecei a ter um olhar mais profundo e sensível, principalmente a partir dos estudos de fotografia durante a graduação, que foram fundamentais no processo de desenvolvimento do meu trabalho no campo artístico. Eu me encantei com a possibilidade de comunicar aquilo que eu sentia através da imagem. Foi ali que eu me encontrei.

A sua produção artística explora temáticas ligadas ao regionalismo, religiosidade, identidade. Como você percebe a sua produção artística e o que ela representa para você?

Hoje posso dizer que a minha arte é uma extensão de mim, de quem eu sou, do que acredito, do que eu consumo e busco ser para além do modo como eu enxergo o mundo. A partir do momento que eu entendi quem sou, os caminhos ficaram mais nítidos, mas ainda está em processo, em movimento porque também caminha de mãos dadas ao meu processo identitário, enquanto mulher, negra, alagoana. Chegar aqui foi um caminho interno bem tortuoso, posso dizer que só alcancei consciência da minha negritude há pouco tempo. Sou filha adotiva de uma família branca, católica e apesar de ter duas mães, tradicionais, por mais confuso e contraditório que pareça.

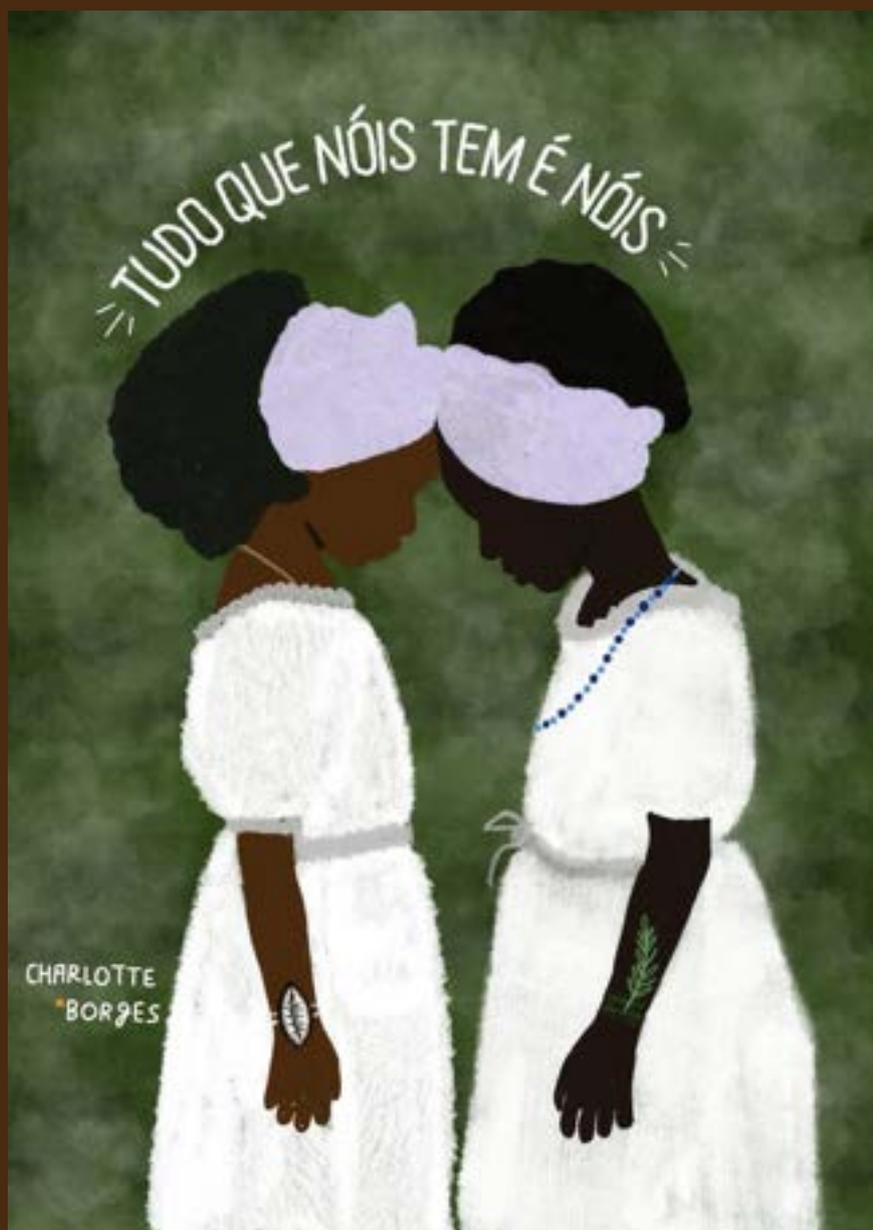
Estudei em colégio católico com pouca, ou melhor, quase nenhuma referência ao meu redor e isso por muitos anos me sufocou. Acho que uma das piores consequências do racismo é fazer as pessoas pretas não se verem como são. O despertar e o alívio dessa angústia, até então incompreendida, veio quando entrei na Universidade Federal de Sergipe e eu só alcancei essa consciência através das vivências afro religiosas, dos livros de Conceição Evaristo e suas escrituras de mulher preta, que eu tive acesso por lá. Então, eu percebo a minha produção artística como uma inquietação contra os padrões impostos, não só a mim, mas aos meus. Tento trazer a representatividade no processo de reconstrução e ressignificação da identidade negra, ressaltando a potência do que é ser uma mulher preta, nordestina e com a minha relação com o sagrado, através das minhas narrativas.

As cores quentes e vibrantes, bem como, o regionalismo são aspectos marcantes nas suas ilustrações. Como foi esse processo de criar uma identidade visual?

Acho que foi algo bem natural, mas a virada de chave veio durante a pandemia, quando comecei a querer me aperfeiçoar mais artisticamente e fiz um curso online com o ilustrador, designer gráfico William Santiago¹, que infelizmente nos deixou em 2021. Naquele momento, durante as aulas, fazendo meu Moodboard² eu percebi que as referências que eu buscava já estavam presentes nas roupas que eu vestia, nas cores que eu sempre escolhia, no que eu fotografava, estudava e no que eu lia. Foi desse modo que percebi e fui construindo a minha identidade visual, nesse misto de vivências.

¹ Willian Santiago (1991 - 2021) ilustrador e designer gráfico paranaense.

² Espécie de painel ou mural composto por elementos visuais que compõem a identidade de um projeto.



Tudo que nós tem é nós
2024
lustração digital

Quais são as referências que compõem o seu repertório cultural e que acabam influenciando as suas próprias criações?

Eu tenho uma lista enorme de tudo o que tenho como referência, mas acho que a vivência que tive trabalhando com fotografia documental, cobrindo pautas e eventos da Cultura popular, tanto aqui em Alagoas, quanto em Sergipe e Pernambuco. Na ilustração tenho algumas pessoas que admiro muito, como já citei anteriormente que era, e ainda é, o William Santiago.

Além dele, o Pedro Lucena³, Luna Bastos⁴, Papoulas Douradas⁵, Suzane Lopes⁶, Lana⁷, Joana Lira⁸, Breno Loeser⁹. Acho que muito do que aprendi e me identifiquei no uso das cores foi com essa galera.

Você passeia por diferentes linguagens, como a ilustração, fotografia e a tatuagem. O que te move a experimentar e transitar por essas diferentes formas de se expressar?

Acho que o que toda manifestação artística é uma forma de comunicação, o que me instiga são as possibilidades de ampliar meus conhecimentos e experimentar diferentes técnicas. Existem coisas que eu consigo falar melhor nas ilustrações, existem imagens que me representam e já existem, em geral, eu encontro essas imagens na fotografia e, também, existem representações que não me representam só como indivíduo, mas como coletivo a partir do momento que outras pessoas se reconhecem no que eu faço a ponto de querer eternizar na pele.

Quando você observa as suas produções, se sente satisfeita com os resultados?

Hoje um pouco mais do que antes, pelo processo identitário que falei. Mas enquanto eu estiver aprendendo e sentindo que eu posso evoluir, pessoal e profissionalmente, acho que nunca vou estar satisfeita.

³ Pedro Lucena, artista alagoano @um_cisco

⁴ Luna Bastos (Teresina, 1996) @lunabastos_

⁵ Papoulas Douradas, ilustradora @papoulasdouradas

⁶ Suzane Lopes, ilustradora @movimento1989

⁷ Lana, ilustradora @la_minna <https://laminna.net/>

⁸ Joana Lira, artista visual @joanalira

⁹ Breno Loeser, artista sergipano @brenoloeser



Ancestralidade, 2024
lustração digital

Além de artista, você também é uma pesquisadora. Você percebe alguma ligação entre os seus processos criativos dos campos artístico e acadêmico?

Total, não tem como desvincular as mudanças na minha visão de mundo no meio acadêmico da forma como eu encaro aquilo que eu produzo artisticamente. E uma coisa acabou levando a outra, os processos na pesquisa expandiram meu processo em trabalhos artísticos fora da universidade que, tempos depois, acabaram me jogando para o mestrado.

Pensando no cenário alagoano, como é ser uma artista independente? Quais os incentivos que você recebe do Estado?

É péssimo. O cenário artístico independente daqui é incrivelmente diverso e cheio de gente talentosa, porém desestimulada e frustrada. O privilégio das mesmas pessoas ocupando os mesmos lugares está saturado há tempos e parece que a roda não gira nunca.

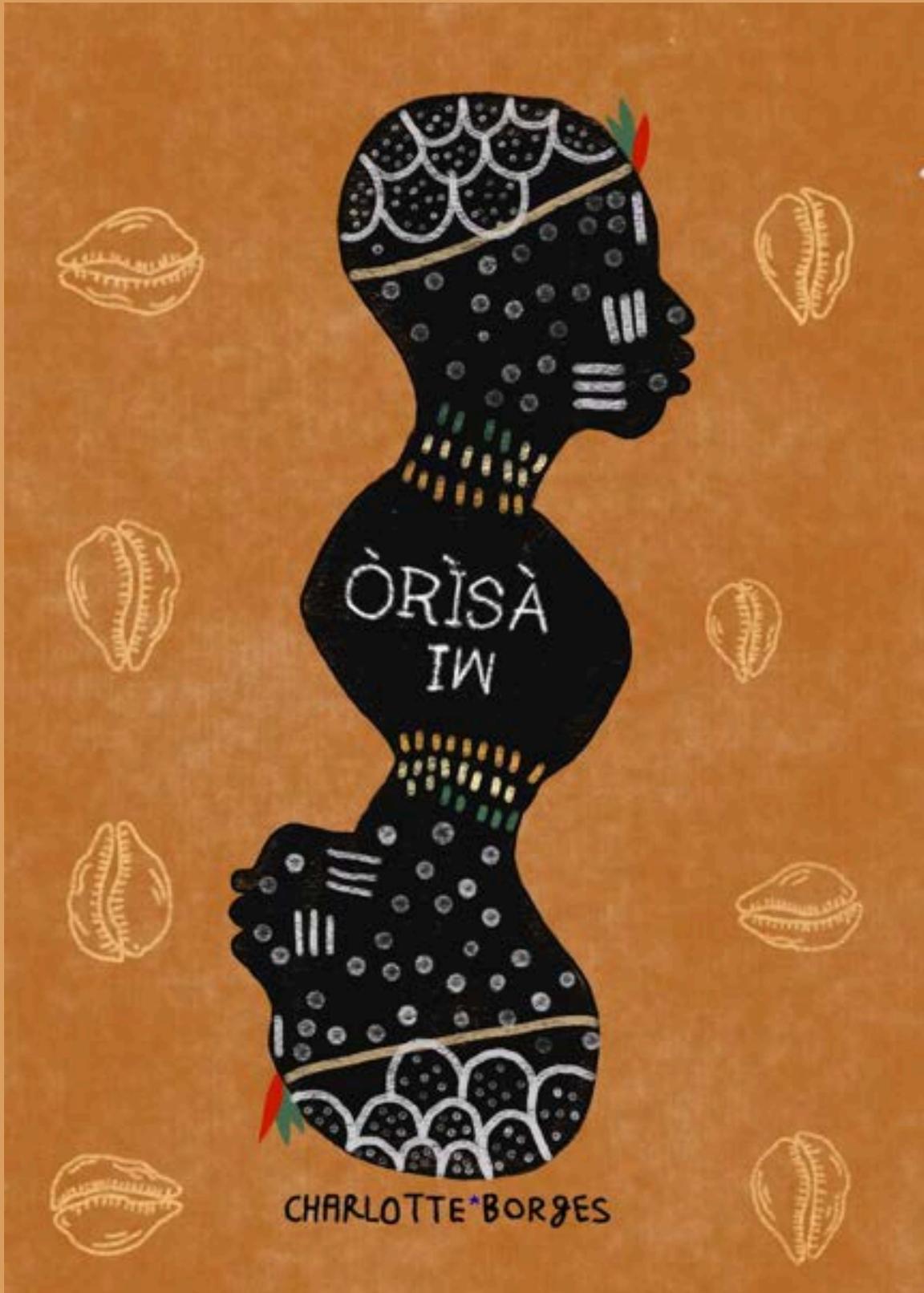
Os meios de ocupação desses espaços de visibilidade e oportunidades são difíceis de acessar, que só se torna possível com contatos do meio ou parentes que sempre privilegiam os seus e nunca os nossos. A gente sabe quem são essas pessoas, a raça, a classe social delas e a bolha que elas vivem alimentada pela cultura política aqui de Alagoas, que tem levado o nosso Estado para o buraco em que estamos. Não tem como falar e pensar sobre isso, sem citar o Punho Coletivo, que nasceu da necessidade e do querer unir forças, multiplicar conhecimento, trocar vivências, ocupar esses espaços a partir do fazer coletivo.

Ao seu ver, as questões de gênero, raça, classe, sexualidade influenciam na visibilidade ou invisibilidade das artistas?

Claro que influenciam na invisibilidade das artistas, numa sociedade dominada por homens brancos, cis, heterossexuais e ricos no meio artístico não seria diferente.

Como é ser artista em um mundo que ainda valoriza as produções de homens em detrimento das mulheres?

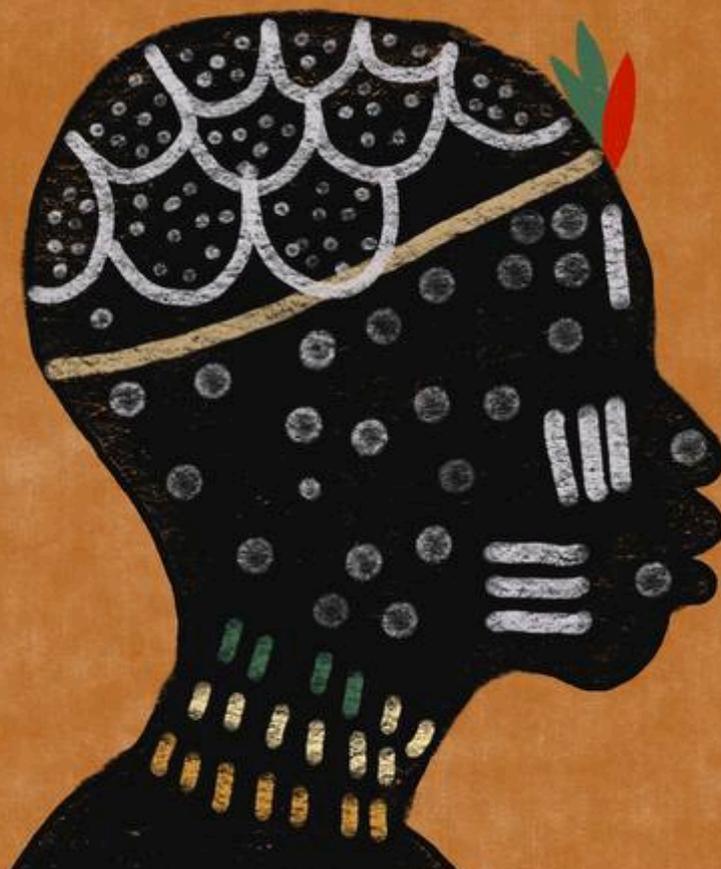
É péssimo, bem difícil, uma luta constante. Principalmente aqui em Alagoas. Apesar de ser nítido o avanço da inserção de mulheres nesse nicho, ainda há um longo caminho, porque precisa mudar toda uma estrutura.



Ancestralidade, 2024
lustração digital

Quais os desafios que você tem vivenciado na sua carreira?

São vários. Acho que o primeiro é a questão da desvalorização profissional. Algumas empresas vêm solicitar orçamento já enviando o briefing da proposta sem nem sequer entender o meu estilo artístico e, muitas vezes, exigem pontos que não correspondem ao estilo do meu traço e nem sequer estudam o perfil do artista. Outro exemplo, são as questões de prazos e orçamentos. A maioria dos contratantes acham que porque é um trabalho de ilustração o processo acontece em um estalar de dedos ou que seja algo fácil de criar e fazer, logo eles pensam que o trabalho não vale o valor cobrado, querem praticamente de graça e isso é bem cansativo de lidar. Outro grande desafio é não ter uma rede de apoio, um coletivo assim como tem na fotografia, por exemplo. Já troquei ideias com outras artistas que até pensaram em unir forças, ocupar alguns espaços urbanos de forma bem independente, mas eu sinto que falta esse apoio e movimentação, assim como na tatuagem. Eu acho que o problema é que as pessoas daqui de Alagoas tem um modo de pensar um pouco egoísta, por enxergar o outro como concorrente e não como uma possibilidade de agregar, dialogar e partilhar. Eu penso que isso se aplica em tantos nichos que eu poderia ficar horas aqui falando sobre. Eu acredito que esse processo de aprendizagem tem que ser compartilhado, debatido e passado adiante. É como Paulo Freire fala na Pedagogia da Autonomia, “Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção”. O terceiro e último ponto é sobre a desatenção do Estado com a cadeia produtiva do meio artístico local. Por mais que existam editais, os contemplados sempre são os mesmos, é como falei anteriormente, as mesmas pessoas ocupando os mesmos espaços sempre e não existe nenhum tipo de esforço por parte do poder público para que haja alguma mudança nesse cenário.



Você poderia citar algumas artistas alagoanas que são referências para você?

Sim, conheço várias artistas alagoanas que trabalham com ilustrações e eu admiro muito, são elas: Soraya Rocha,¹⁰ Buy,¹¹ Xiluva,¹² Yara Pão,¹³ Lívia Maia, Ursa,¹⁴ Amanda Ilustra,¹⁵ Víscera¹⁶; Mellina Farias¹⁷; Debora Moraes¹⁸; Ana Noronha¹⁹.

Há algo mais que você deseja compartilhar conosco?

Gostaria só de agradecer pelo convite e pelo espaço de poder dialogar.

¹⁰ Soraya Rocha - @luzabominavel

¹¹ Buy - @ilustra.buy

¹² Xiluva - @xiluva.art

¹³ Yara Barbosa - @yarapao_

¹⁴ Ursa - @ursamaiorrr

¹⁵ Amanda Ilustra - @amandailustraa

¹⁶ Víscera - @vlscer4

¹⁷ Melinna Farias - @eaiiimel

¹⁸ Debora Moraes - @debora_moraes

¹⁹ Ana Cristina Noronha - @ananorr

Eu sou porque nós somos, 2025
ilustração digital



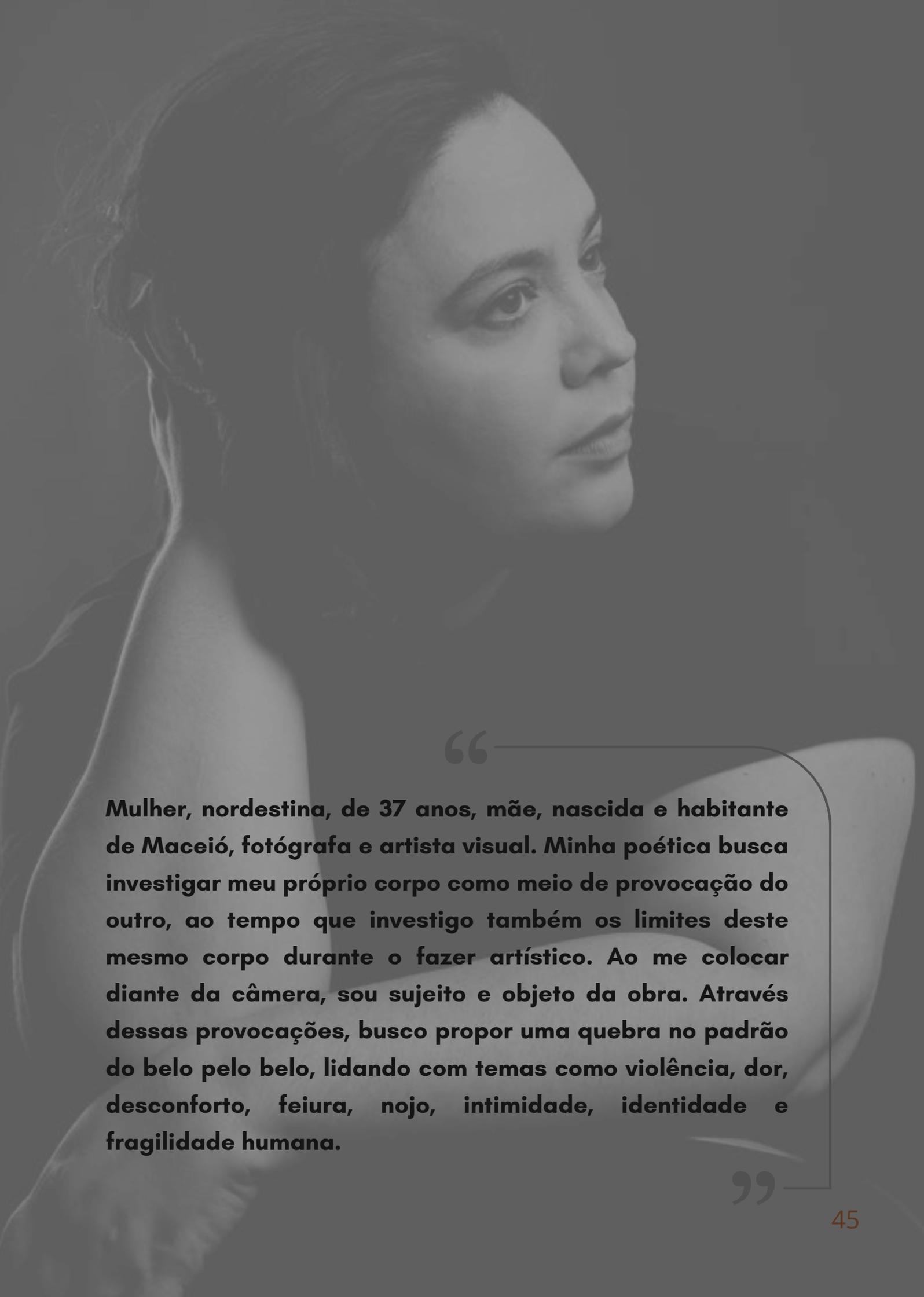
GABI COELHO



Foto: Carol Rox

Maceió, Alagoas, 1987

@gabicoelho_experimental



“

Mulher, nordestina, de 37 anos, mãe, nascida e habitante de Maceió, fotógrafa e artista visual. Minha poética busca investigar meu próprio corpo como meio de provocação do outro, ao tempo que investigo também os limites deste mesmo corpo durante o fazer artístico. Ao me colocar diante da câmera, sou sujeito e objeto da obra. Através dessas provocações, busco propor uma quebra no padrão do belo pelo belo, lidando com temas como violência, dor, desconforto, feiura, nojo, intimidade, identidade e fragilidade humana.

”

Como foi seu processo de descobrir-se artista, tornar-se artista?

Eu não sei se é possível se descobrir como artista, mas tenho certeza de que podemos nos tornar. Então vou responder por esse caminho. Eu sou fotógrafa de famílias desde 2014. Não enxergava essa fotografia como uma linguagem artística, mas queria aperfeiçoar minha abordagem criativa, queria entregar algo melhor aos meus clientes. Foi quando em 2018 eu me inscrevi num curso online de autorretrato conceitual. Logo nas primeiras aulas eu me senti bastante mal, suei frio, quase desmaiei vendo os trabalhos artísticos apresentados. Eu achei que era medo. Achei que era insegurança por não conhecer nada daquilo e correr o risco de ser perguntada, de precisar ter uma opinião, sobretudo por ser uma pessoa tímida.





É feia mas é uma flor - Série "Lírios, Rosas e Outras Flores"
Fotografia, 2020.

No decorrer de alguns encontros começaram a existir propostas de exercícios de autorretrato. A partir daquele momento, as coisas começaram a fazer sentido. O desconforto que eu sentia, agora na frente da câmera, parecia servir para algo maior. A partir dali eu quis ser artista. E tenho, nesses quase seis anos, construído esse caminho. Autodenominação como artista, que é diferente de se reconhecer de fato como artista, veio rápido. Eu estava trabalhando com arte, estava participando de exposições, estava me inscrevendo em eventos voltados para artistas, então eu me apropriei do termo. O reconhecimento ainda está em processo.

Como você percebe a sua produção artística e o que ela representa para você?

Que pergunta difícil de responder. É difícil pensar em como eu percebo meu trabalho, principalmente quando eu faço querendo provocar o outro, querendo que o outro perceba e sinta. Talvez o caminho seja justamente esse. Eu tenho minha arte como uma maneira de me comunicar com as pessoas. E nem é querendo dizer coisas específicas. É quase um “Oi! Você consegue me ver? Eu te faço sentir algo?”. Tendo passado muito tempo da minha vida calada sobre algumas questões ou com interações comedidas, meu trabalho acaba representando essa ponte entre mim e o outro.

Você relata que a sua produção artística, especificamente, através da fotografia tem a pretensão de provocar o outro. Partindo dessa premissa, como se constrói o seu processo criativo?

A questão primordial é buscar algo que incomode, que deixe confuso, que faça pensar. Algo que vá na contramão da imagem que nasce para agradar. Então eu utilizo ora uma linguagem mais suja na construção da imagem, unindo um noir com composições não tão óbvias, assuntos distorcidos; ora utilizo objetos que provoquem de imediato a repulsa, como os objetos cortantes ou tinta e texturas e, em outros momentos, desloco objetos de suas funções originais, seja mastigando uma flor ou usando dentes soltos em cima da língua, por exemplo. O intuito é sempre que a pessoa queira fazer algo ao ver a imagem, que se desloque, que pisque, que chegue mais perto, que se imagine no meu lugar, que vire o rosto, que tenha medo, que me xingue. Qualquer ação é vista como um resultado satisfatório para o meu trabalho.

Você realiza autorrepresentações por meio da linguagem fotográfica. Como surgiu esse desejo pela foto performance e autorretrato conceitual?

Acabei respondendo já nas questões anteriores. Eu entrei no curso de autorretrato e comecei a me sentir confortável para estar na frente da câmera com o passar dos anos. Eu sempre quis ser escritora e o autorretrato me deu a chance de criar minhas ficções de uma maneira alternativa.

Como é experimentar o seu corpo como suporte para expressão artística? De algum modo, você subverte a noção de autorretrato, pois a sua criação é e não é uma representação de si.

Em alguma ocasião eu já disse: “Não sou eu na foto. Eu sou o meu corpo como tela em branco. Poderia ser qualquer outro corpo. A questão é que o meu está sempre disponível”. É um paradoxo, pois ao mesmo tempo que é prático, cômodo e fácil, por dispor do meu corpo a qualquer momento e não precisar verbalizar os comandos de direção, por outro lado é muito mais delicado por uma questão impossível de resolver: meu corpo sou eu. Por menos que eu aborde questões de ordem pessoal, essas questões estarão presentes na imagem; serei sempre eu ali. Mesmo que eu não me reconheça, os outros me veem.



QUAL É O LIMITE?

Fotografia, 2020.

Algumas obras, a exemplo da série “Qual é o limite?” provocam sensações que, em um primeiro momento, podem ser incômodas. Como acontece o processo criativo? Refletir sobre os seus próprios limites era algo que estava latente ou a série surge após você ter amadurecido essas questões?

“Qual é o limite?” surgiu sem essa intenção inicial, quando eram apenas duas imagens que, no nascimento, não conversavam entre si. No começo era o ócio misturado com a ideia de chocar minha audiência. Em uma dessas imagens, eu costurei a pele do dedo com linha vermelha e fotografei o dedo alinhavado, a linha vermelha unindo esse dedo maculado à agulha. Na outra imagem, alguns dias depois, uma mordida minha, com um pouco de saliva escorrendo; a pele mordida era meu próprio braço, que mordeu até o limite da dor. Nesse momento, eu questionava a relação entre dor e prazer, sem objetivo de pesquisa; estava apenas refletindo. E a questão nasceu na minha cabeça: “então, qual é o limite?”. A pergunta ficou rondando na cabeça por algum tempo até surgir a ideia de transformar isso num conceito de série. Mais algumas imagens foram criadas pensando na construção estética, todas, incluindo essas duas que mencionei, foram descartadas com o tempo, por preferir adotar uma linguagem única, com fotos verticais, como se cada uma dessas bocas fosse um indivíduo em seu limite. A partir daí, comecei a pensar em vários limites, entre eles, o do fazer artístico. E na hora de mostrar a série nas exposições é sempre rico ouvir “escondida” o que pensa o público que eu quis dizer com aquilo. São sempre perspectivas interessantes e algumas ajudam ainda a amadurecer meu pensamento sobre o conceito.

A close-up photograph of a person's face, showing their eyes and nose, looking down at a white object held in their hand. The image is partially obscured by a dark, rounded rectangular overlay containing text.

Na pequena biografia que você oferece em suas redes sociais encontramos a frase “questionar a beleza das coisas”. O que seria questionar a beleza das coisas? A sua produção artística faz esse questionamento?

A ideia do “visto como belo”, para mim, soa como algo digno de ser olhado, apreciado, digno. É como se esse belo estivesse acima de muitas camadas de absorção do mundo. Para mim, o belo é como se fosse um fator limitante. Como se o ser belo fosse suficiente. Numa segunda perspectiva, vem o questionamento de o que é belo e quem determinou que é belo, mas confesso que isso aparece numa camada que eu acesso menos. Eu não tenho, como mulher e como artista, uma preocupação de que eu ou meu trabalho sejamos adereços ou admirados pela estética convencional. Eu quero que as pessoas olhem para nós dois como o que somos, acessem as várias camadas de nós, degustem, embriaguem. Que deem seus sentidos também ao que não parece bonito.



De algum modo, quando criamos, nos despimos e nos colocamos em um lugar de vulnerabilidade, pois expressamos as nossas inquietações mais íntimas. Como você lida com a exposição da sua imensidão íntima?

Eu sou uma mulher que luta bastante contra a timidez. Raramente eu coloco no meu trabalho questões de ordem muito íntima. Quando ponho, normalmente faço isso só para mostrar a minha perspectiva de uma questão mais ampla, como aconteceu com “Imensidão Íntima”, que foi construída remontando minha experiência com o autorretrato durante a pandemia. Mas veja, era uma perspectiva que conversava com questões maiores e externas a mim. As pessoas tendem a se identificar em alguma medida e, quando essa identificação acontece, isso me blinda um pouco. As pessoas se vêem em mim. Mas quando minha identidade escapa de alguma forma, quando sou só eu na tela e não nós todos, eu assumo que aquela personagem está com meu corpo emprestado e só. No final das contas me atordoia mais ser “tietada” como “a artista” do que ter minha possível intimidade vista através das obras.



Padecente
Fotografia, 2020.

Quais são as referências que compõem o seu repertório cultural e que acabam influenciando as suas próprias criações?

Eu consumo muita arte, em múltiplas linguagens. Consumo muita literatura, música, cinema, pintura. Nomes fortes que influenciam ou conversam com meu trabalho são o de mulheres como Hilda Hilst¹, Elza Soares², Elis Regina³, Marina Abramović⁴, Cindy Sherman⁵, Lenora de Barros⁶, Helena de Almeida⁷, Ana Mendieta⁸, Vera Chaves Barcellos⁹ e Ana Maria Maiolino¹⁰. Essas cinco últimas foram apresentadas a mim por amigas no decorrer dos anos, por seus trabalhos de alguma forma terem uma correlação com o meu.

¹ Hilda de Almeida Prado Hilst, Hilda Hilst (Jaú, SP 1930–Campinas, SP 2004).

² Elza Soaes (Rio de Janeiro, RJ 1930 – Rio de Janeiro, RJ 2022).

³ Elis Regina (Porto Alegre, RGS 1945 – Rio de Janeiro, RJ 1982).

⁴ Marina Abramović (Belgrado, Sérvia 1946)

⁵ Cindy Sherman (Glen Ridge, EUA 1954).

Pensando no cenário alagoano, como é ser uma artista independente? Quais os incentivos que você recebe do Estado?

Em Alagoas existe um movimento enorme de migração da nossa classe artística e isso não acontece à toa. Só continua aqui quem é teimoso ou quem não vê possibilidades de sair. Eu tenho muito contato com artistas de fora e mesmo vendo que em alguns lugares há dificuldade, eu percebo que nisso somos campeões. Tudo o que acontece aqui, acontece por doação de forças dos próprios artistas. Temos pouco incentivo público, pouco incentivo privado, poucos espaços para expor. Lutamos por sermos antes de tudo, fortes. Mas perceba que até quando há obrigação do Estado e Prefeitura para utilização de verbas federais destinadas aos artistas, há uma dificuldade, lutas são travadas. Há um claro desinteresse por parte dos governantes.

Ao seu ver, as questões de gênero, raça, classe, sexualidade influenciam na visibilidade ou invisibilidade das artistas?

Diretamente! Eu tenho certeza de que se eu fosse um homem, minha carreira estaria num lugar de muito mais privilégio e sucesso. Por um lado, não temos espaço, por outro lado, enquanto mulheres, sofremos da síndrome da autossabotagem e demoramos a correr atrás do reconhecimento que merecemos. E todas as outras questões mencionadas são mais obstáculos, cada um a sua maneira. Um exemplo disso é o espaço ainda mais limitado para artistas mulheres pretas, que têm ainda mais dificuldade que mulheres brancas.

⁶ Lenora de Barros (São Paulo, SP 1953).

⁷ Helena de Almeida (Lisboa, Portugal 1934- Sintra, Portugal 2018).

⁸ Ana Mendieta (Havana, Cuba 1948 - Nova York, EUA 1985).

⁹ Vera Guerra Chaves Barcellos (Porto Alegre, RGS 1938).

¹⁰ Ana Maria Maiolino (Scalea, Itália 1942).

Suas produções já ultrapassaram as barreiras geográficas e chegaram a outros lugares, inclusive, fora do Brasil. Como é para você perceber a sua arte alçando voos?

É bem gostoso, ao tempo que também é triste por perceber que eu só ganho espaço aqui por realizar essas conquistas lá fora. Eu sigo defendendo a ideia de que nós temos a obrigação de dar espaço, apoio e formação para os nossos, para que eles ganhem segurança e robustez para lutar por reconhecimento lá fora. Mas voltando à ideia de ser gostoso, é bom demais perceber diferentes públicos interagindo com o que a gente produz. Os retornos são sempre ótimos. E, claro, é um afago na vaidade que todos nós temos.

Quais os desafios que você tem vivenciado na sua carreira?

Ser mãe, ser mulher, ser nordestina e não ser herdeira são, certamente, pesos que me impedem de alçar voos mais altos. Aqui e ali alguma dessas características me limita. A idade aumentando também começa a se mostrar como um desafio a mais.

Você poderia citar algumas artistas alagoanas que são referências para você?

Conheço algumas e tenho um receio grande de esquecer nomes, pelo que já peço desculpas antecipadamente. Vou citar artistas daqui que respeito e admiro, mas que não são, necessariamente, artistas visuais. Respeito muito o trabalho de mulheres como Renata Voss¹¹, May Honorato¹², Fernanda Guimarães¹³, Fernanda Simões¹⁴, Flora Uchôa¹⁵, Karla Melani¹⁶, Renata Baracho¹⁷, Xiluva¹⁸, Ursa¹⁹, Izabella Vitória²⁰, Maíra Gamarra²¹, Laryssa Andrade²², Flávia Correia²³ e tantas outras que passaram pelo sentido.

¹¹ Renata Voss, artista @renatavoss

¹² May Honorato, cantora @mayhonorato

¹³ Fernanda Guimarães, cantora @fernandaguima

¹⁴ Fernanda Simões, fotógrafa @fernandasimoes

¹⁵ Flora Uchoa, cantora @uchoaflora

¹⁶ Karla Melani, fotógrafa @karla.melani.arte

¹⁷ Renata Maria Baracho, fotógrafa @renatabaracho

¹⁸ Xiluva, artista visual @xiluva.art

¹⁹ Ursa, artista visual @ursamaiorrr

²⁰ Izabella Vitória, artista visual.

²¹ Maíra Gamarra, fotógrafa @gamarra.maira

²² Laryssa Andrade, fotógrafa @lrsandrade

²³ Flavia Correia, fotógrafa @flaviapbcorreia @retratopaisagem

JOYCE NOBRE



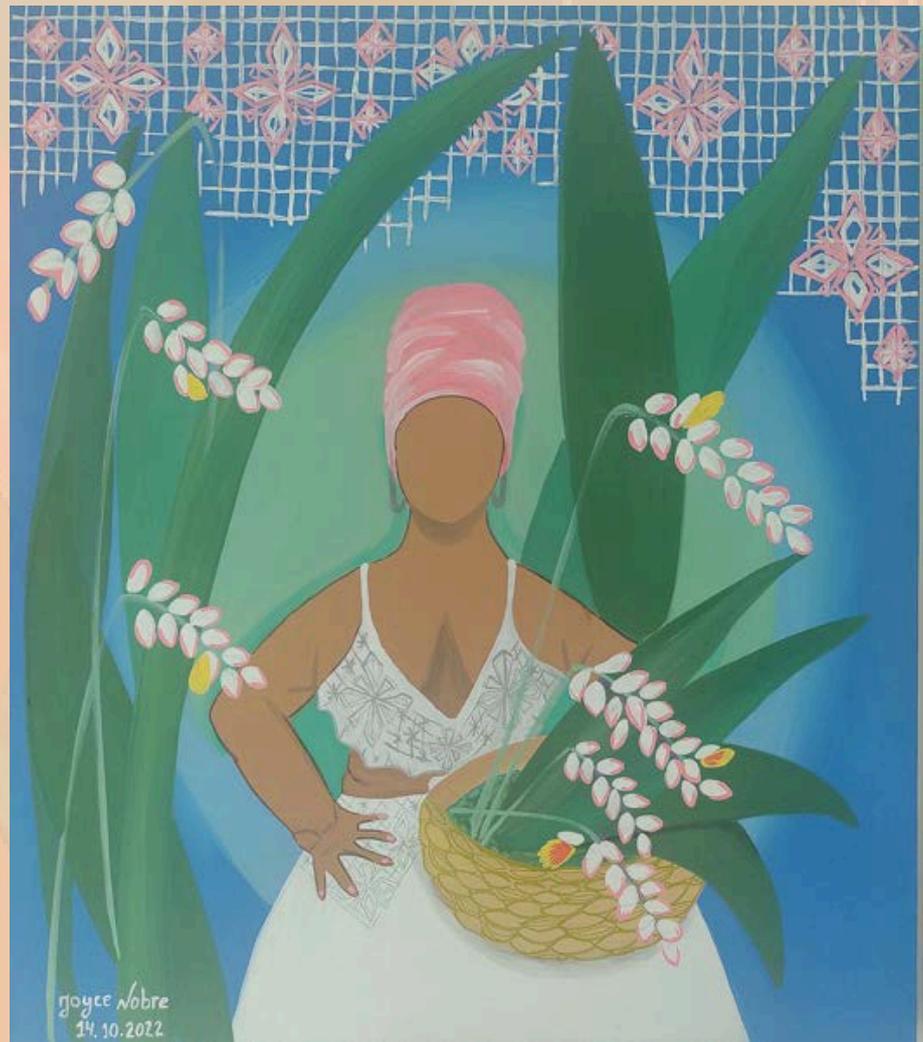
Macció, 1984

@nobreviverdearte

“

**Uma mulher feliz,
artista, mãe, militante
de causas negras.
Mãe de Francisco,
companheira de
Marcos Amorim.
E livre!**





Banho de Colônia, 2022
Acrílico sobre tela
60 x 70 cm

Como foi seu processo de descobrir-se artista, tornar-se artista?

Sempre amei arte, sempre fiz arte, sempre estive conectada a esse universo, mas a pressão da sociedade, as falas negativas da família me fizeram enveredar por outros caminhos. Me formei em administração, em marketing e fiz Master in Business Administration (MBA) em gestão de pessoas. Profissões que sempre estiveram em minha caminhada até chegar a pandemia¹.

¹ Pandemia de Covid 19, declarada pela Organização Mundial de Saúde entre 11 de março de 2020 e 5 de maio de 2023.

Como você percebe a sua produção artística e o que ela representa para você?

Busco representar o que sinto. Por ser uma jovem muito oprimida, depois que fiz minha transição de carreira, me libertei, a arte me ajudou a me libertar. Por isso comunico minha liberdade, o sagrado feminino, minha ancestralidade e cura.

Sua produção artística explora temáticas como amor, religiosidade, ancestralidade. Quais narrativas você deseja contar com suas criações?

Com o sagrado feminino eu quero gritar através de pinturas de vulvas, seios entre outros. Nós, mulheres, somos perfeitas, ricas, cíclicas e nunca vulgares. Sempre nos colocam no lugar de vulgaridade. Quero dizer que, tudo que é nosso e faz parte do nosso corpo é lindo, belo e potente. Com a religiosidade, principalmente de matriz africana, quero dizer: “não tenho mais medo”, não sou mais aquela menina preconceituosa. Quero mostrar a beleza e riqueza da religião de meus ancestrais. Venho honrando e reverenciando tudo isso. Com o amor quero falar da liberdade de amar, quem quer que seja, da forma que mais lhe fizer feliz.

Há alguma produção artística ou alguma experiência que lhe marcou, que motivou a seguir como artista?

Todas as artes que faço me fazem muito feliz. O choro de emoção dos clientes quando se sentem representados em uma pintura, quando eu posso militar através da arte, quando transformo a mente das pessoas com algum trabalho meu.

Quais são as referências que compõem o seu repertório cultural e que acabam influenciando as suas próprias criações?

Artistas como Dona Irinéia², Maria das Dores³, ambas mestres quilombolas, de União dos Palmares, FeiK JHoNNy, Hélio Oiticica⁴ com os seus parangolés.

Você poderia citar algumas artistas alagoanas que são referências para você?

Denis Angola⁵, Dona Irinéia, Maria das Dores, Mel Nascimento⁶ Persivaldo Figueirôa⁷.

*Pensando no cenário alagoano, como é ser uma artista independente?
Quais os incentivos que você recebe do Estado?*

Não tem incentivo! O incentivo é dar com uma mão e tirar com a outra. Ser artista independente é ser resistência, principalmente sendo, talvez, a única muralista negra nesse cenário.





Comigo ninguém pode
Maceió, 2022
Acrílico sobre tela
2 telas 60 x 40 cm

Ao seu ver, as questões de gênero, raça, classe, sexualidade influenciam na visibilidade ou invisibilidade das artistas?

Sim! Esse é um universo muito machista, principalmente no meio da arte urbana. A gente precisa viver o tempo inteiro em estado de alerta para não ser passada para trás, ou para saber responder sem gaguejar.

² Irinéia Rosa Nunes da Silva, Dona Irinéia ou Mestra Irinéia (Muquem, AL 1949) ceramista, Patrimônio Vivo de Alagoas desde 2005.

³ Maria das Dores (Muquem - AL) ceramista.

⁴ Hélio Oiticica (Rio de Janeiro, RJ 1937 - 1980)

⁵ Denis Angola, Contra Mestre de Capoeira @denis.angola

⁶ Mel Nascimento (Maceió, AL 1984), cantora, percussionista e produtora cultural - @mel.nascimento_

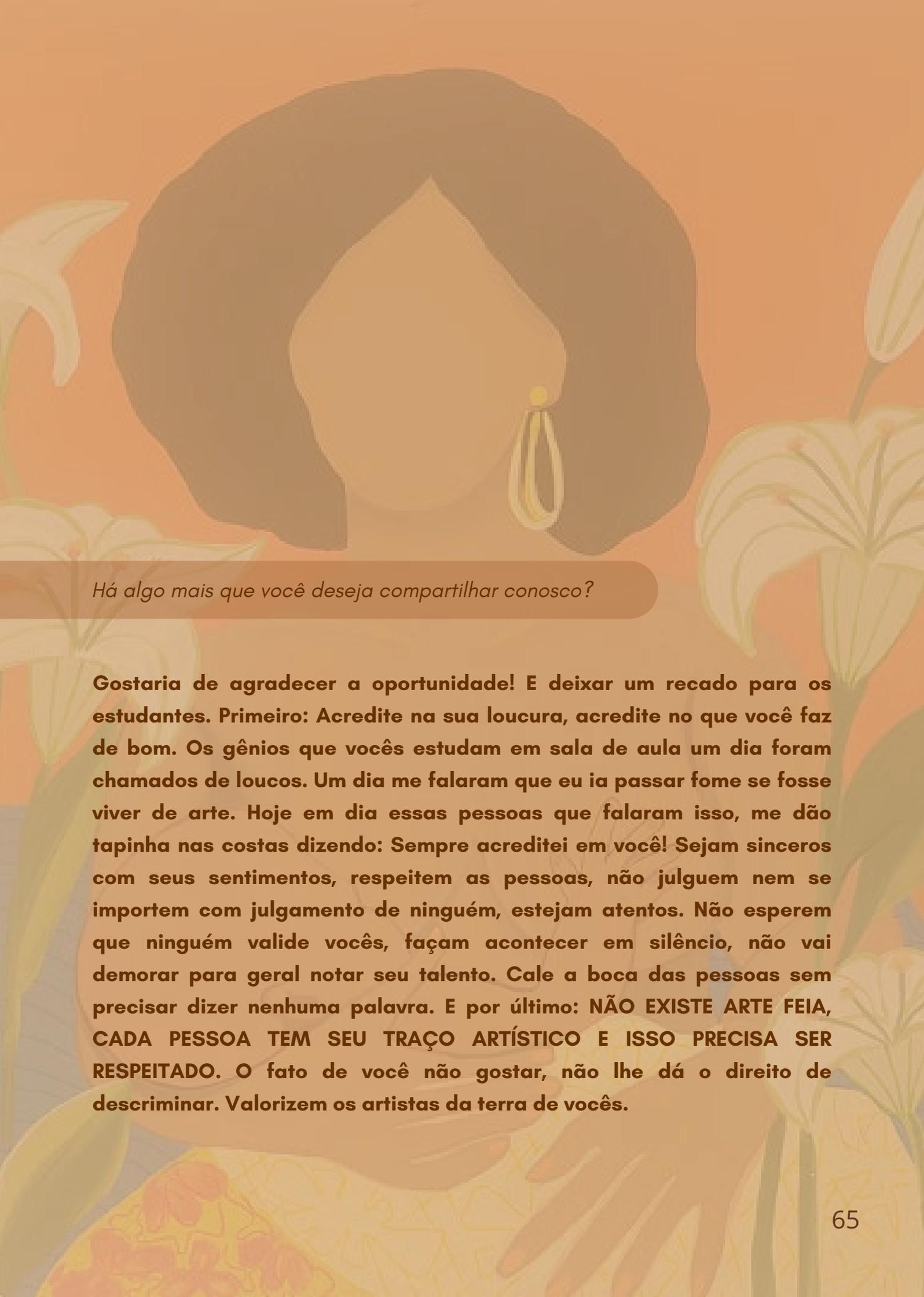
⁷ Persivaldo Figueiroa @persivaldofigueiroa

Com que frequência você se sente representada ou vê corpos como o seu nos espaços artísticos?

Muito pouco! Aqui os artistas negros são muitos, mas qual a visibilidade que eles têm? Somos grito, resistência, se não abre a porta para gente a gente derruba. Que possamos ver esse cenário mudar.



Amamentação e
Acolhimento
Maceió, 2022
Acrílico sobre tela
50 x 70 cm



Há algo mais que você deseja compartilhar conosco?

Gostaria de agradecer a oportunidade! E deixar um recado para os estudantes. Primeiro: Acredite na sua loucura, acredite no que você faz de bom. Os gênios que vocês estudam em sala de aula um dia foram chamados de loucos. Um dia me falaram que eu ia passar fome se fosse viver de arte. Hoje em dia essas pessoas que falaram isso, me dão tapinha nas costas dizendo: Sempre acreditei em você! Sejam sinceros com seus sentimentos, respeitem as pessoas, não julguem nem se importem com julgamento de ninguém, estejam atentos. Não esperem que ninguém valide vocês, façam acontecer em silêncio, não vai demorar para geral notar seu talento. Cale a boca das pessoas sem precisar dizer nenhuma palavra. E por último: NÃO EXISTE ARTE FEIA, CADA PESSOA TEM SEU TRAÇO ARTÍSTICO E ISSO PRECISA SER RESPEITADO. O fato de você não gostar, não lhe dá o direito de discriminar. Valorizem os artistas da terra de vocês.

LARYSSA ANDRADE



Macció - AL, 1996

<http://www.faryssaandrade.com.br>

“

Fotógrafa e artista visual, nascida em Maceió, descobriu seu amor pela imagem ainda na infância, com a mãe. Desde 2014 está próxima da fotografia documental, mantendo no coração o genuíno desejo de transformar cada momento em narrativa. Em seus trabalhos, experimenta falar sobre a memória, a saudade, os álbuns de fotos familiares e o afeto presente em tudo.





O laço da memória, 2024
Colagem analógica

Como foi seu processo de descobrir-se artista, tornar-se artista?

Cresci ao lado de mulheres costureiras desde que nasci, em 1996. Morei e vivi boa parte da infância em uma região chamada Aero clube, em Maceió. Na rua havia muitas costureiras, todas elas da mesma família, a minha. A ideia de me reconhecer artista ainda é muito nova para mim, mas hoje tenho a certeza de que esse processo de descoberta veio muito das vivências que tive com as minhas tias, a minha avó materna e a minha mãe.

Lá, muito próxima da costura, já estava a fotografia também. A minha mãe gostava de me fotografar e até hoje guardo os álbuns que ela construía. Durante as suas ausências, por conta do trabalho, ela sempre deixava os filmes prontos para que as irmãs dela me registrassem também. Guardo na memória algumas lembranças dessas horas bonitas: 'mainha' me registrando, me dirigindo e depois colocando os retratos em quadros pela casa. A fotografia como experiência contínua só foi possível a partir de 2011, com o celular. Eu passei a amar registrar o caminho para a escola, ver a estrada durante as poucas viagens que fiz na época, etc. Em um tempo, perto de 2015, aos 18 anos, ganhei uma câmera semiprofissional, e a partir dela comecei a registrar mais do mundo. Antes de tudo, e o mais importante, é que me descobri fotógrafa, principalmente, pois a minha mãe me fotografou.



Como você percebe a sua produção artística e o que ela representa para você?

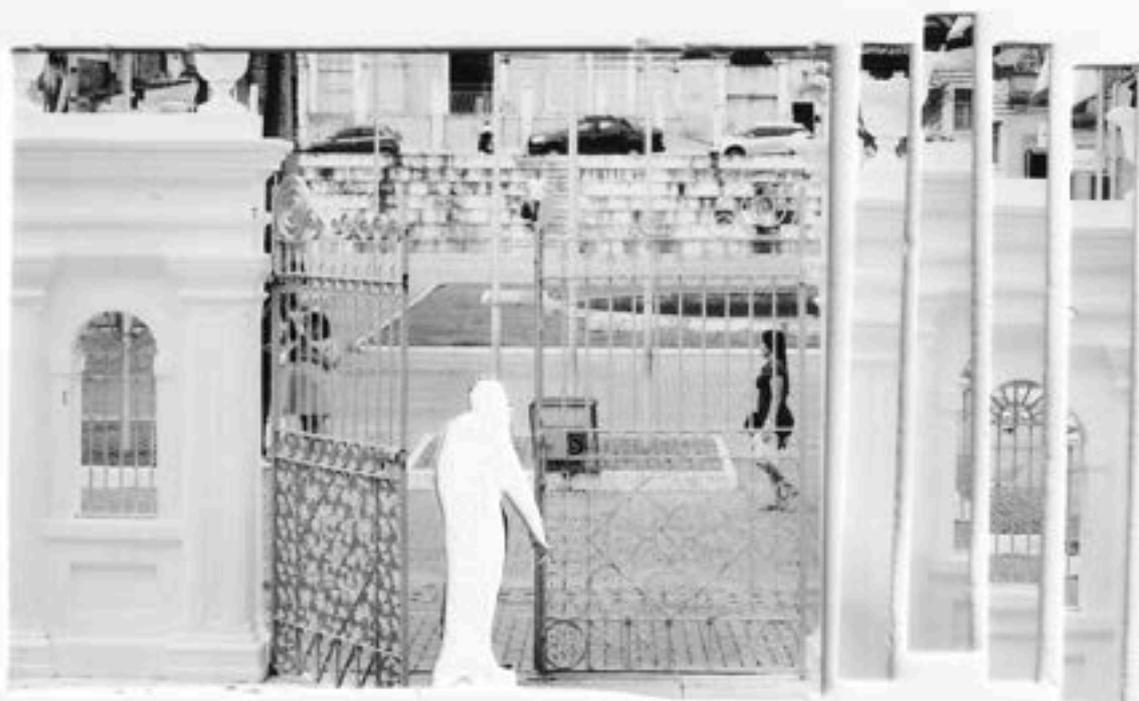
Percebo as minhas criações como uma parte de mim. Independentemente de quais atividades eu faça diariamente, eu sinto que vejo a vida sempre imaginando o que posso criar a partir dela; como se eu vivesse com uma câmera nos olhos. Vou registrando os lugares que frequento, as pessoas que convivo, como uma maneira de tornar permanente o que a fotografia documental representa: a estada de uma narrativa, de um sentimento. Assim como nos álbuns de fotografia que a minha mãe e tias criavam durante a minha infância, aprendi que essa expressão sobre o cotidiano através da imagem é algo muito valioso.

A sua produção artística se materializa através da escrita e a imagem. Você compreende que, de algum modo, a fotografia documental une essas duas linguagens, sendo assim, uma possibilidade de escrever com imagem?

Muito bonita essa pergunta! Acredito que, antes de tudo, a escrita e a fotografia conversam entre si. Ambas descrevem um momento, um sentimento, ainda que as palavras possam ser refeitas e as fotografias registrem a permanência de um instante. A fotografia documental funciona aqui como o seu nome sugere, um documento, esse registro detalhado da vida que, a partir dela, transmite muitas emoções e significados. Sinto que por essa imagem registrar tudo, seja o motivo que me faça amá-la sem medida.

Você já desenvolveu alguns projetos com a colagem, fotografia e escrita, a exemplo de “Archanjo”, “Poema Maternal” e “Estada”. Como acontece o seu processo de criação? Você nota algum padrão nesse processo?

Não tenho um padrão certo, pois sinto que cada processo costuma acontecer de forma bem intuitiva e mais livre, dependendo do trabalho ou de como me sinto no dia. Um detalhe certo é que gosto de ouvir músicas enquanto crio alguma coisa, sinto que músicas me levam para uma espécie de lugar interno.



Fragmentos, 2024
Colagem analógica

Se tratando da colagem, invento um espaço de conexão e percebo que sempre uso plantas, fotos de álbuns de família, palavras escritas ou datilografadas como parte dos elementos dessas colagens, sejam digitais ou analógicas. Acredito que cada elemento que escolho faz parte da identidade que foi surgindo e percebo que repito, quase sempre, as paletas de cores, como os tons terrosos e aqueles presentes em livros antigos.

Há alguma produção artística, ou algum processo criativo, que marcou sua produção e lhe motivou a continuar acreditando nela?

Sem dúvida, “O Lugar que Somos”, de 2021, o meu documentário de estreia. Foi a partir dele que passei a pesquisar e produzir sobre temas que me dedico a estudar hoje em dia, como a memória familiar e geracional. Da escrita à distribuição, estive em contato com a história da minha família, narrada por mulheres que eu amo. Não esqueço nunca desses momentos. Notei que esse passo com o documentário foi me preenchendo de maneiras muito bonitas, pois percebi que a imagem é um espaço importante de registro e sobrevivência das nossas lembranças.

Sua arte já ultrapassou os limites geográficos e ocupou outros espaços, a exemplo, a exposição coletiva “Ni olvidadas, ni reconocidas”, na cidade de León, Espanha. Como é para você perceber a sua arte alçando voos e ocupando outros espaços?

Fico emocionada quando essas trocas acontecem! É bonito perceber que esses diálogos existem, não apenas na cidade onde moro, mas em qualquer outro lugar do mundo. No caso da colagem “Archanjo”, a que foi selecionada para essa exposição que você falou, ela emerge a partir de uma escritora brasileira. Mais uma vez fotografia e escrita se encontraram, então celebrei, e sempre celebro, cada ponta de afeto que pousa aqui.



Respiro, 2024
Flores naturais em scanner

Quais são as referências que compõem o seu repertório cultural e que acabam influenciando as suas próprias criações?

É muito difícil apontar referências quando a minha memória falha vez em quando, porém, quando falo sobre imagem e escrita, lembro da recifense Dani Neves¹. Ela é documentarista e o seu trabalho é muito importante para a minha caminhada, assim como Helen Salomão², Juh Almeida³ e a inglesa Lottie Hampson⁴. Em Alagoas, admiro a Minne Santos⁵ e a Julia Paredes⁶, fotógrafas com trabalhos diferentes, mas que tem esse registro do cotidiano presente, cada uma da sua forma. Tenho tantos nomes em mente, tantas obras para comentar. Em especial, deixo aqui o livro “Todas as horas e antes”, da Neide Archanjo⁷, por ser minha âncora em tantos momentos de criação.

Quais os desafios que você vivenciou ou vivencia na sua carreira?

Não poder arcar com custos para estudar e não ter acesso a materiais e experiências das artes visuais. E não falo de anos atrás, falo de um tempo não muito distante, quase presente. Sou muito grata às iniciativas gratuitas de ensino, como a própria Universidade, a qual me formei em 2019, em Serviço Social, seguindo com cursos e oficinas complementares até agora e as bolsas de estudo que são disponibilizadas nesses lugares.

¹ Dani Neves (Recife - PE) fotógrafa - @daninevesfoto - @andovendotudo - <https://daninevesfoto.tumblr.com/>

² Helen Salomão (Salvador, BA, 1994) fotógrafa - @helesalomao - <https://helensalomao.com/>

³ Juh Almeida (Catu, BA) @juhalmeida

⁴ Lottie Hampson (Londres, 1993) fotógrafa - @lottiehampson

⁵ Minne Santos (Maceió - AL) fotógrafa - @minnesantoss

⁶ Júlia Maria Paredes (JUMP) (Maceió - AL) Fotógrafa e pesquisadora em Antropologia Urbana e Visual - @jumpfotografia

⁷ Neide Archanjo (São Paulo, SP, 1940- Rio de Janeiro, RJ, 2022), poeta.

Pensando no cenário alagoano, como é ser uma artista independente? Quais os incentivos que você recebe do Estado?

Falando de um lado muito pessoal, ser uma artista independente muitas vezes é triste e solitário. Não há facilidade ou certezas quando estamos começando na área das artes visuais, principalmente. Você vai criando e encontra pessoas no caminho que podem, ou não, incentivar você de volta. Vamos errando e aprendendo até encontrar a nossa forma de produzir e ocupar espaços, encontrar oportunidades. Sobre o incentivo, depende de qual estamos falando. Nos editais de incentivo é muito difícil pensar esse impulso em nosso estado. Faltam editais contínuos, que nos deem a certeza de que teremos trabalho, o que nos tira as poucas chances de viver exclusivamente estudando, pesquisando, criando. A realidade dessa independência artística, na verdade, se torna um malabarismo infinito, pois buscamos quase sempre outras maneiras de (sobre)viver.

Ao seu ver, as questões de gênero, raça, classe, sexualidade influenciam na visibilidade ou invisibilidade das artistas?

Sem dúvidas, influenciam. A fotografia, por exemplo, teve seus inícios influenciados pelo capital e o gênero. Existiram grandes fotógrafas que pouco eram reconhecidas como artistas, mas como amadoras, e obrigadas a se dedicarem exclusivamente para tarefas de casa. Hoje, apesar de grandes evoluções quando comparadas aos séculos passados, ainda tropeçamos em casos e vivências tristes, com questões de gênero, raça, sexualidade e barreiras socioeconômicas que dificultam o acesso de artistas a criar e expor suas obras. Como artista, vejo a importância, e também o privilégio, de conseguir publicar uma fotografia, um texto; em utilizar minha arte como uma maneira para amplificar o que pesquiso e contribuir para a construção de um espaço artístico mais equitativo e diversificado.



Você faz parte do Punho Coletivo, um coletivo alagoano de mulheres da imagem. Você poderia nos falar um pouco sobre esse projeto?

O Punho⁸ surgiu em 2019 e atua pelo fortalecimento de uma rede de mulheres da imagem em Alagoas. Entre as integrantes somos fotógrafas, jornalistas, roteiristas, artistas visuais, que buscam colocar as obras de mulheres e as questões de gênero no centro de tudo o que propomos criar. Dentre os espaços que ocupamos, estamos também na plataforma Medium, onde escrevemos textos sobre cinema, literatura, entrevistas, crônicas, oportunidades. Nossa organização é baseada na articulação coletiva entre mulheres. Estamos unidas não apenas pela imagem, mas também por experiências compartilhadas nesse meio. Quando produzimos e nos envolvemos coletivamente, damos um sentido político à nossa atuação.

Você poderia citar algumas artistas alagoanas que são referências para você?

Temos muitas artistas em nosso estado, muitas mesmo! Duas delas já citei anteriormente que é a Minne Santos e a Julia Paredes. Tenho nomes incríveis para indicar, como: Renata Baracho⁹, Laís Santos Araújo¹⁰, Maysa Reis¹¹, Alice Jardim¹², Flávia Correia¹³, Nathalia Bezerra¹⁴, Mik Moreira¹⁵, Amanda Môa¹⁶, Beatriz Vilela¹⁷, Larissa Lisboa¹⁸, Roseane Monteiro¹⁹, tantas, tantas e tantas outras.

⁸ Punho Coletivo - <https://medium.com/@punhocoletivo>

⁹ Renata Baracho - <https://renatabaracho.com/>

¹⁰ Laís Santos Araújo - @agudacinema

¹¹ Maysa Reis - <https://alagoar.com.br/maysa-reis-indica/>

¹² Alice Jardim - <https://www.alicejardim.com/about>

¹³ Flavia Correia - <https://www.flaviacorreia.com/>

¹⁴ Nathalia Bezerra - @nathaliabezerra_

¹⁵ Mik Moreira - @mikmoreira

¹⁶ Amanda Môa - @amandamoa

¹⁷ Beatriz Vilela - @btzvilela

¹⁸ Larissa Lisboa - @larisslisboa @afetocollage @larefletida

¹⁹ Roseane Monteiro - @roseane_monteiroje

Há algo mais que você deseja compartilhar conosco?

Gostaria de agradecer por esse momento. Sentar e pensar sobre essa caminhada com as artes visuais é algo muito difícil, e só nesses momentos percebo o tanto de coisa incrível que foi brotando nos últimos anos por aqui. A iniciativa de criar perguntas nem sempre é fácil, respondê-las também não, porém me sinto contente por estar aqui. Espero ter contribuído de alguma forma.

Um novo começo



Projeto de Colagem analógica, 2024.

URSA



Mato Grosso, 1991

@ursamaiorrr

www.befiance.net/ursa



Sou artista visual, ilustradora, formada em design de interiores. Tenho 32 anos, nasci em Mato Grosso, mas fui praticamente criada nas Alagoas. Desenho desde criança, pintei os primeiros quadros com 10 anos, e o primeiro mural com 11, em uma gincana escolar. Já participei de diversos eventos nacionais e internacionais de graffiti, em vários estados do Brasil, desde 2013. Estive em algumas exposições como por exemplo na Bienal¹ de Alagoas, na Ufal, no Instituto da Visão, no Complexo Cultural Deodoro, no Museu da Imagem e do Som, de Alagoas, no Metrô São Bento, de São Paulo.

¹ Bienal do Livro, promovida pelo Governo do estado de Alagoas em parceria com a Universidade Federal de Alagoas (UFAL).



Como foi seu processo de descobrir-se artista, tornar-se artista?

Desde que me lembro gosto de desenhar. Vi-me como artista quando pintava natureza morta ou natureza realista em quadros, com tinta a óleo, aos 10 anos de idade. Em seguida, comecei copiando desenhos da tevê, como Dragon Ball Z, Cavaleiros do Zodíaco, Inuyasha e, também, personagens de jogos como Street Fighter, Sonic e Super Mario.

Você se recorda da sua primeira criação artística ou de quando você reconheceu alguma criação como arte?

Não recordo, mas penso que foi algo envolvendo algum personagem copiado, só que adicionado à formas orgânicas e geométricas ao seu redor.

Como você percebe a sua produção artística e o que ela representa para você?

São universos que crio, cheios de possibilidades, acrescidos dos personagens que gosto de representar, porque refletem figuras reais que me inspiram também. Representa também as críticas social e política.

Sua produção artística explora algumas temáticas da cultura alagoana, liberdade, ancestralidade que remete à uma estética psicodélica. Você tem algumas referências para essa produção?

Algumas das infinitas inspirações são artistas de rua como Banksy², Does³, Mariia Sol⁴, Negritoo⁵, MadC⁶, Evol⁷, Arlin⁸, Odeith⁹, Saner Edgar¹⁰, Ramon Phantom¹¹, Duo B-47¹², Dracko Velasco¹³, Massai¹⁴, Moebius¹⁵, Akira Toryama¹⁶, Katsuhiko Otomo¹⁷, Kai 'Raws' Imhof¹⁸, Marcelo Ruggi-Tché¹⁹, Lobster Robin²⁰, Salvador Dali²¹, Antoni Gaudí²², Tiago Gasques²³. Para além destes, o Feminismo e os movimentos culturais locais como Bumba Meu Boi e o Maracatu são inspirações muito fortes!

² Banksy (1974, Reino Unido) - <https://www.banksy.co.uk/>

³ Fabio Does - @does_hdv

⁴ Mariia Sol - @msol156

⁵ Negritoo (São Paulo, 1975) - @negrtoo

⁶ MadC (Bautzen, Alemanha, 1980) - @mad_c1

⁷ Tore Rinkveld, também conhecido como Evol, artista radicado em Berlim - <https://evoltaste.com/>

⁸ Arlin Graff (Tatuí, SP) - @arlin_graff

⁹ Sérgio 'Odeith' (Damaia, Portugal, 1976), artista radicado em Lisboa - <https://www.odeith.com/> - @odeith

¹⁰ Edgar "Saner" Flores (México, 1981) - <https://www.sanprojects.com/saner> - @saner_edgar

¹¹ Ramon Andrade (Brasília) - @ramonphanton

¹² Street Art Duo B47, formado pelos artistas Dênis Rodrigues de Freitas a.k.a DME e Tiago Ramos Gasques a.k.a - @b47sa

¹³ Dracko Velasco (México) - @dracko_velasco



As suas produções possuem uma identidade visual bem marcada. Como foi o processo de criar essa identidade?

Após ser uma desenhista copista por vários anos, comecei a me inspirar nas referências que gosto e adicionar diferentes detalhes nas minhas cópias. Foi um processo de construir uma identidade visual a partir desses detalhes com os quais me identifico e que estão presentes em produções de outros artistas. Deriva daí então, a soma de traços, cores, formas e temas encontrados em minha produção, e posso afirmar que o processo pode ser longo, porém muito gostoso de vivenciar.

Sua produção artística explora algumas temáticas da cultura alagoana, liberdade, ancestralidade que remete à uma estética psicodélica. Você tem algumas referências para essa produção?

É difícil, principalmente no começo se você não tem recursos, influência social e uma boa rede de contatos. Em 2021 foi lançado o primeiro edital, em Maceió focado em muralismo. Ele funcionou para alguns, mesmo com muitas falhas, até onde foi possível, devido à má vontade e gestão de alguns agentes culturais e políticos, ao meu ver.

¹⁴ Leandro Massai (Minas Gerais) - <https://leandromassai.com/> - @massai

¹⁵ Jean Giraud (França, 1938 - 2012) também conhecido como Moebius e Gir

¹⁶ Akira Toriyama (Japão, 1955 - 2024) - @akira.toriyama

¹⁷ Otomo Katsushiro (Japão, 1954) - @katsuhootomo

¹⁸ Kai 'Raws' Imhof (1990, Alemanha) - @rawsofficial

¹⁹ Marcelo Ruggi-Tché - @tcheruggi.art

²⁰ Lobster Robin (1991, Bélgica) - <https://www.lobster-robin.com> - @lobster_robin

²¹ Salvador Dalí i Domènech, (Figueres, Espanha, 1904 -1989)

- <https://www.salvador-dali.org/es/>

²² Antoni Gaudí i Cornet (Espanha 1852 - 1926) - <https://parkguell.barcelona/>

²³ Tiago Gasques (1984, São Paulo) - @tgasques

Meu primeiro pedido de patrocínio para participar de um festival de graffiti nacional foi ignorado pela Secretaria de Cultura do Estado. Para além disso, percebo que algumas lojas de tinta patrocinam apenas artistas considerados como consolidados no mercado. Concorrer a editais de fora e participar de exposições também fora do estado, além de fazer um bom networking e marketing nacional e internacional, tem me trazido ótimos resultados.

Ao seu ver, as questões de gênero, raça, classe, sexualidade influenciam na visibilidade ou invisibilidade das artistas?

Posso falar apenas a partir de minha vivência como mulher (utilizo o termo mulher apenas devido ao sexo feminino e devido a leitura, nem sempre homogênea, e julgamento social que fazem sobre minha existência), sem apego a gênero, branca, com alguns privilégios socioeconômicos. Em Maceió, percebo que a sociedade em sua maioria ainda se surpreende com o fato de uma mulher fazer graffiti, porém, como algumas das artistas locais vem se sobressaindo, esta visão tem mudado aos poucos. O preconceito que eu sofria nas ruas em 2011 era bem maior do que o pouco preconceito que sofro em dias atuais. Em outros locais, como Curitiba, Porto Alegre, São Paulo, Rio de Janeiro, Bahia, Sergipe, Pernambuco, enxergo que o cenário da arte de rua ainda é preenchido com a maioria de homens, e que ainda há muito machismo latente acontecendo nos eventos de graffiti. Outra observação é que pessoas lgbtcs estão mais presentes na cena de arte urbana em outros estados do que aqui. Em resumo, percebo que, em qualquer lugar, se você for homem, se tiver um alto poder socioeconômico, for branco, heterossexual, isento de posicionamento político, e se consegue mostrar bem a sua vida desta forma nas redes sociais, você será melhor aceito e visto por clientes de grande poder aquisitivo.

STREET OF STYLES

Quais os desafios que você vivenciou ou vivencia na sua carreira?

No início tive o desafio de ser uma das pouquíssimas mulheres que estavam criando arte de rua em Maceió. Sofria preconceito e muita abordagem policial. Era chamada constantemente de vagabunda nas ruas enquanto pintava. Também não tinha recursos para comprar material ou para deslocamento. Em alguns eventos de graffiti, até hoje, sinto invisibilidade por ser mulher. O espaço que te dão para pintar é geralmente menor do que os que oferecem aos homens, por exemplo. Hoje um dos maiores desafios é continuar no mercado de arte após uma pausa de longos anos, por ter precisado trabalhar com design para me sustentar. Percebo que em Maceió não há muitas oportunidades genuínas de crescimento na carreira artística para mim, e por isso trabalho também com ilustrações remotamente.



STREET OF STYLES
URSA²⁴

Quais os desafios que você vivenciou ou vivencia na sua carreira?

Estou muito feliz e agradecida por essa oportunidade, de ter exposto com mais 11 mulheres e de ter levado uma arte feminista para São Paulo, em um local de ampla circulação. Percebo que este foi um de muitos resultados que estão chegando, e que vem sendo gerados a partir de muito foco, dedicação e apoio de diversos amigos e contatos.

Você também expande as suas criações para além das telas e ilustrações. Como você começou a fazer arte urbana?

Comecei em 2011 de fato, depois de ter visitado a cidade de Anchieta, no Espírito Santo, em 2010. Nesse tempo, Maceió tinha pouquíssimas intervenções, de pixo ou de graffiti. Fiquei encantada com Anchieta, porque, apesar de ser uma pequena cidade de pescadores, havia muitos graffitis por lá. Então me inspirei e decidi que ia pintar nos muros de Maceió, porque queria democratizar a arte e me expressar de forma mais ampla. Logo no início, um grafiteiro do Rio estava por aqui e me deu uns toques. Comecei com spray de péssima qualidade, rolinho, tinta látex e corantes. Após juntar dinheiro que conseguia dando aulas particulares para estudantes de design e arquitetura, em meados de 2013 e 2014, investi também em sprays e a coisa fluiu até onde foi possível.

Ao ocupar as ruas com os seus Grafittis a sua produção se integra na paisagem urbana. Como você se sente quando vai pintar nesse espaço?

Sinto-me honrada, é uma grande conexão, é como se um pedaço de mim fosse fazer parte de algo maior e amplo. Percebo também a responsabilidade e compromisso com a linguagem não violenta. Hoje vejo que tudo o que fazemos como artistas de rua tem grande poder de influenciar pessoas em seu dia a dia, e meu intuito é que a arte ou frase que vou deixar ali gere reflexões positivas e construtivas em quem passar por ela.

“Peixe Neon” é uma das suas marcas na paisagem urbana de Maceió. O que te levou a fazer essa produção?

Fui moradora do bairro Cruz das Almas por 14 anos. Esse peixe é um personagem que retrata muitas cenas que presenciei na praia, que incluem pescadores. O bairro, que possui grande parte de sua estrutura originária da antiga cohab, é cortado ao meio por um riacho de água poluída que chega até a estação de tratamento de esgoto em frente ao mar. Tudo isso me ensinou muitas coisas sobre sobrevivência e fluência da vida, com seus contrastes, sobre diferentes tipos de pessoas e amizades que perduram até hoje. Então, esse peixe é como uma homenagem vívida ao lugar.



O que te move a transitar por essas diferentes linguagens artísticas?

Algo que não sei explicar. Desde sempre me interesso em produzir com o imaterial algo material, seja no âmbito visual, do movimento ou do som. Essa força motriz me fez largar uma carreira de design de interfaces para voltar para a arte, e hoje sinto-me realizada.

Você poderia citar algumas artistas alagoanas que você conhece ou são referências para você?

A SerTão²⁴ é uma referência com suas cores. Salve!

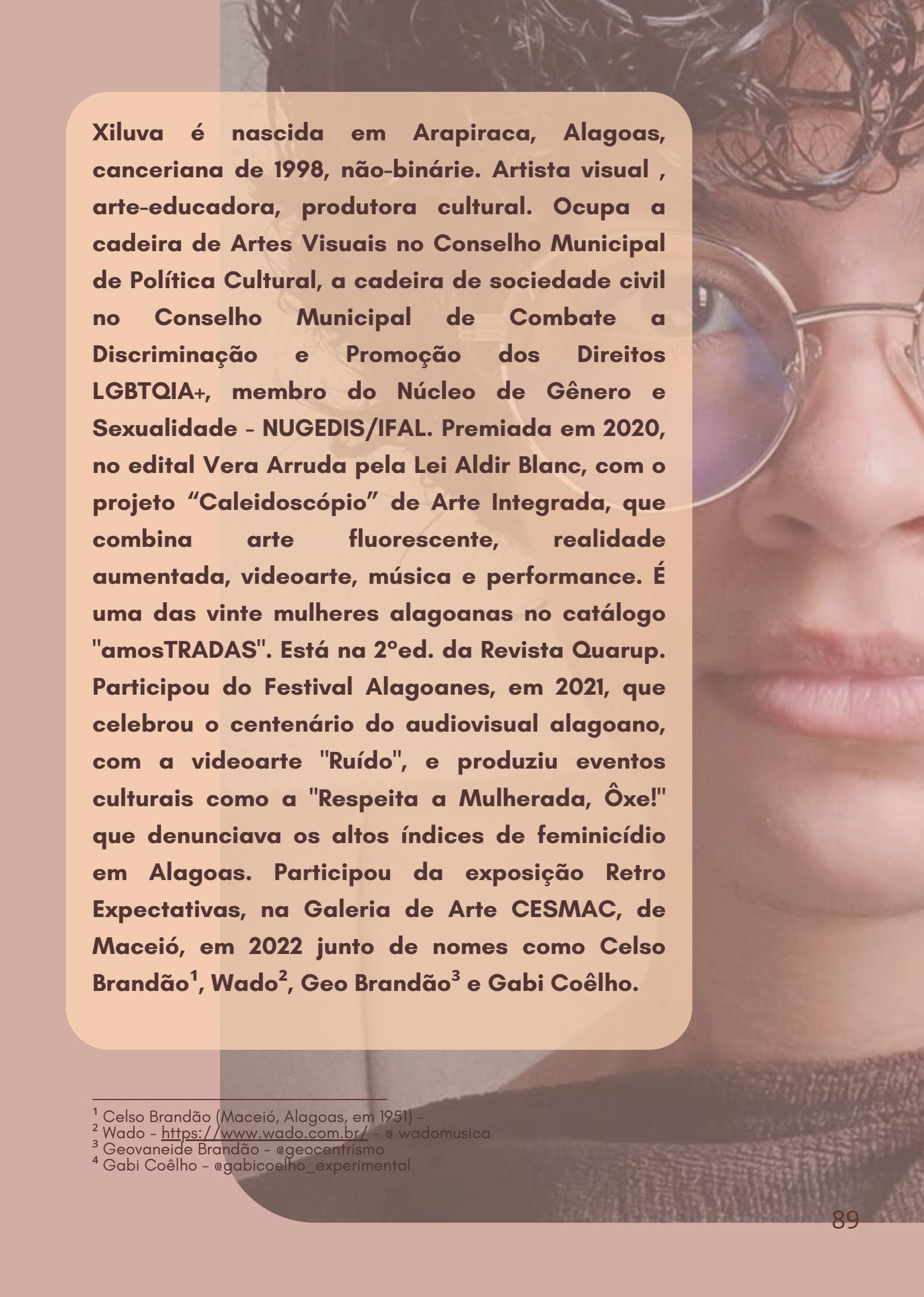
²⁴ Júlia Maria (SerTão) - artista visual - www.sertaoencantado.com.br/ - @s.e.r.tao

XILUVA



Arapiraca, Alagoas, 1998

@xiluva.artt



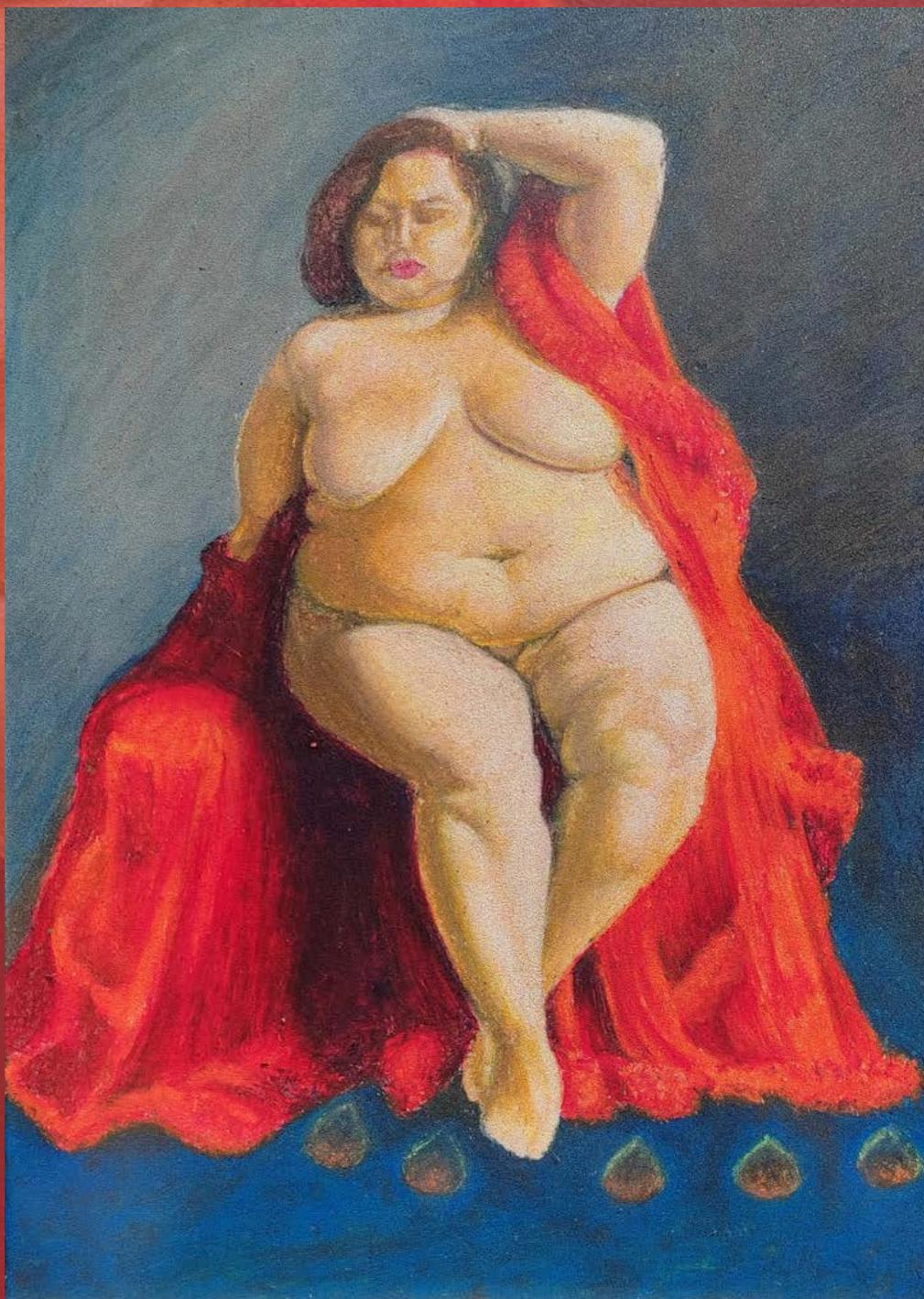
Xiluva é nascida em Arapiraca, Alagoas, canceriana de 1998, não-binária. Artista visual, arte-educadora, produtora cultural. Ocupa a cadeira de Artes Visuais no Conselho Municipal de Política Cultural, a cadeira de sociedade civil no Conselho Municipal de Combate a Discriminação e Promoção dos Direitos LGBTQIA+, membro do Núcleo de Gênero e Sexualidade - NUGEDIS/IFAL. Premiada em 2020, no edital Vera Arruda pela Lei Aldir Blanc, com o projeto "Caleidoscópio" de Arte Integrada, que combina arte fluorescente, realidade aumentada, videoarte, música e performance. É uma das vinte mulheres alagoanas no catálogo "amosTRADAS". Está na 2ª ed. da Revista Quarup. Participou do Festival Alagoanes, em 2021, que celebrou o centenário do audiovisual alagoano, com a videoarte "Ruído", e produziu eventos culturais como a "Respeita a Mulherada, Ôxe!" que denunciava os altos índices de feminicídio em Alagoas. Participou da exposição Retro Expectativas, na Galeria de Arte CESMAC, de Maceió, em 2022 junto de nomes como Celso Brandão¹, Wado², Geo Brandão³ e Gabi Coêlho.

¹ Celso Brandão (Maceió, Alagoas, em 1951) -

² Wado - <https://www.wado.com.br/> - @wadomusica

³ Geovaneide Brandão - @geocentrismo

⁴ Gabi Coêlho - @gabicoelho_experimental



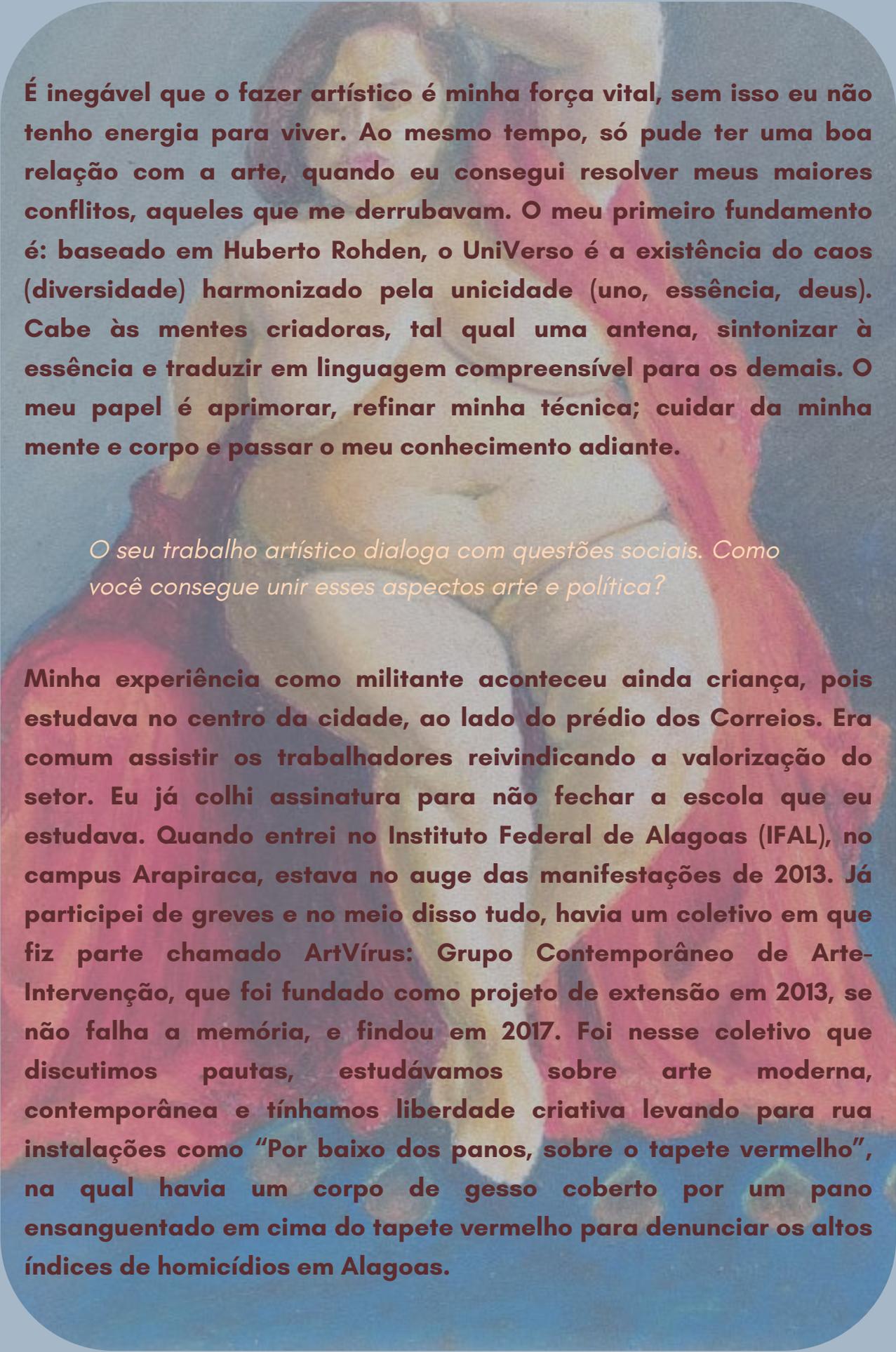
Dama de Vermelho
Giz Pastel Oleoso sobre papel cansón A4
2021

Como foi seu processo de descobrir-se artista, tornar-se artista?

Enquanto educadora, entendo que nascemos artistas e ao longo da nossa formação pessoal, toda a criatividade, sensibilidade, capacidade cognitiva são recalcados diante da valorização da razão, objetividade e materialidade. Comigo a situação não foi diferente, por mais que eu insistisse em produzir desenhos, que é um gênero artístico bastante acessível, mas sem necessariamente criar imagens, personagens ou histórias, sem imaginar muito além da minha realidade, a minha evolução era meramente técnica na minha infância até os 14 anos. Apenas na adolescência, na época do ensino médio, me senti provocada com a situação de: eu produzo arte, ela me dá sentido na vida, mas não sei o que fazer com ela. Naquele momento eu acessei conhecimentos práticos e teóricos que me fizeram perceber que existem vários papéis e propósitos da arte e artista no mundo. Foi nesse meio, testando técnicas, manifestando anseios pessoais/coletivos, estudando história da arte, ministrando oficinas que eu me encontrei na arte e me aceitei artista.

Como você percebe a sua produção artística e o que ela representa para você?

Eu vivi várias fases na minha produção. Desisti várias vezes. Tive um período que pude experimentar e errar. Tive um período em que a realidade me separava da arte, pois não pude sair de Alagoas para estudar Licenciatura em Artes Visuais já que no estado não é ofertada essa graduação. Sem recursos fui trabalhar com telemarketing e estudar História na Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL). Essas experiências me mostraram que eu não vivo, eu me perco quando me separo da arte. Mostrar minha arte é expor minha intimidade, eu falo de assuntos muito subjetivos do ser humano, numa visão macroscópica, num tempo mais longo. Represento a experiência de viver interessada no autoconhecimento e expandir a consciência de si no mundo, no UniVerso.



É inegável que o fazer artístico é minha força vital, sem isso eu não tenho energia para viver. Ao mesmo tempo, só pude ter uma boa relação com a arte, quando eu consegui resolver meus maiores conflitos, aqueles que me derrubavam. O meu primeiro fundamento é: baseado em Huberto Rohden, o UniVerso é a existência do caos (diversidade) harmonizado pela unicidade (uno, essência, deus). Cabe às mentes criadoras, tal qual uma antena, sintonizar à essência e traduzir em linguagem compreensível para os demais. O meu papel é aprimorar, refinar minha técnica; cuidar da minha mente e corpo e passar o meu conhecimento adiante.

O seu trabalho artístico dialoga com questões sociais. Como você consegue unir esses aspectos arte e política?

Minha experiência como militante aconteceu ainda criança, pois estudava no centro da cidade, ao lado do prédio dos Correios. Era comum assistir os trabalhadores reivindicando a valorização do setor. Eu já colhi assinatura para não fechar a escola que eu estudava. Quando entrei no Instituto Federal de Alagoas (IFAL), no campus Arapiraca, estava no auge das manifestações de 2013. Já participei de greves e no meio disso tudo, havia um coletivo em que fiz parte chamado ArtVírus: Grupo Contemporâneo de Arte-Intervenção, que foi fundado como projeto de extensão em 2013, se não falha a memória, e findou em 2017. Foi nesse coletivo que discutimos pautas, estudávamos sobre arte moderna, contemporânea e tínhamos liberdade criativa levando para rua instalações como “Por baixo dos panos, sobre o tapete vermelho”, na qual havia um corpo de gesso coberto por um pano ensanguentado em cima do tapete vermelho para denunciar os altos índices de homicídios em Alagoas.

A instalação da máscara de oxigênio na árvore Arapiraca para denunciar a crise climática, ou performances para levantar debates sobre violência de gênero, dentre outras ações promovidas ao longo desses anos. Uma experiência singular na região a qual relatamos em artigos, participamos de congressos e festivais de arte nacional/internacional. Agora, sendo solista na minha carreira, eu decidi focar mais na violência de gênero e meus próximos projetos, em 2024, vão trazer reflexões e proposições de forma surpreendente acerca disso.



Afrofuturismo
Acrílica sobre tela e machê
30x30
2021

A sua produção artística envolve diferentes técnicas e linguagens. A série “Caleidoscópio”, por exemplo, une realidade aumentada, arte fluorescente, videoarte, música e performance. O que te move a transitar por essas diferentes linguagens artísticas?

As minhas experimentações e liberdade criativa do passado. Eu dizia que queria uma experiência completa estimulando todos os sentidos. Durante a pandemia eu estava fazendo testes de edição de imagem em alguns desenhos, na verdade rabiscos. Eu tinha uma lâmpada que alternava as cores e percebi que meus desenhos causavam sensações muito distintas de acordo com a luz. Eu tinha um material fluorescente de oficinas passadas e então fui retomar os estudos sobre óptica e cores. A cada vez que meu projeto não passava nos editais de fomento à cultura eu buscava mais elementos para incorporar na proposta. Assim o projeto foi crescendo e ganhando mais “tentáculos” como costumo dizer. Foi uma grande felicidade na apresentação do projeto, poder unir pessoas que entendiam minhas intenções e somaram para essa expansão coletiva de consciências através de estímulos sensoriais: as apresentações, o perfume borrifado na área de exposição, a música psicodélica do Pink Floyd cover, a gastronomia do local do evento, o contato humano celebrando o fim de uma fase difícil da Covid, tudo foi proposital.

Como acontece o seu processo de criação? Você nota algum padrão nesse processo?

Existe. Mesmo que o artista seja dinâmico, sempre tem a unicidade. No caso do meu processo de produção, ele tem a interferência da insegurança que me cobra o melhor do meu potencial naquele momento, por isso raramente são espontâneas, feitas no puro instinto. Eu prefiro rascunhar ideias, estudar técnicas, vivenciar algo novo, para poder produzir a melhor versão do que eu estou sentindo. Exemplo: o álbum “Thriller” de Michael Jackson existe no maior grau de perfeição porque antes existiu “Off The Wall”. Elementos estavam sendo trabalhados ali para que houvesse experiência e segurança para fazer Thriller ser grande.

Além disso, eu trabalho com símbolos. Eu me fixei, ao longo dos anos, na ideia do olho, do corpo genérico, sem muitos detalhes nem gênero definido, ou no corpo da mulher enquanto energia feminina ou manchas que sugerem ser um rosto na ideia da pessoa sem o corpo material, a alma. O desenho é sempre minha base, pois é o que eu faço desde criança então minha mente pensa como desenhista e depois que a ideia ganha corpo, eu decido se irá se tornar uma pintura acrílica, giz pastel oleoso, caneta, modelagem em porcelana fria ou papel machê. Depois disso eu penso na melhor forma de apresentar a obra, no tipo de evento - que nem sempre é uma exposição tradicional -, eu penso na expografia, nos artistas convidados e na temática porque, a depender da curadoria, os significados das obras mudam.

Há alguma produção artística, ou algum processo criativo, que marcou sua produção e lhe motivou a continuar acreditando nela?

O projeto Caleidoscópio foi o que me colocou numa posição de respeito das outras pessoas e comigo mesmo por ter sido meu primeiro grande trabalho individual. Eu pude explorar muitos lados meus que só precisavam de uma oportunidade para aflorar. Eu provei para mim que sou capaz de elevar minha arte desde que não me intimide, que eu mantenha minha autoestima e seja companheira com meus colegas de profissão que elevam a cultura em um bom lugar, sejam eles de longa carreira ou jovens sonhadores com grande potencial pela frente, que assim como eu, só precisavam de uma oportunidade.



Frida
Acrílica sobre tela
30x30
2022

Quais são as referências que compõem o seu repertório cultural e que acabam influenciando as suas próprias criações?

Minha primeira referência foi Tarsila do Amaral⁵ do seu jeito particular de pintar que vi na primeira folha do livro de Português da 1ª série. Depois Michael Jackson⁶ que me influencia enquanto ser humano, artista completo e por isso eu o estudei bastante. Um exemplo das grandes responsabilidades quando tem poderes, um exemplo da sombra que projeta quando tem muita luz. Quando comecei a estudar arte moderna e contemporânea muitos nomes incríveis apareceram para mim como Marina Abramovic⁷, Frida⁸, Da Vinci¹⁰, Bosch¹¹, a paraense Berna Reale¹² e também nomes da minha terra que tive o prazer de conhecer como Irmãs Petuba¹³, Marta Arruda¹⁴, Judivan Lopes¹⁵, que foi meu orientador entre 2015-2016, Marta Eugênia e na arte-educação é Ana Mae Barbosa quem me norteia.

⁵ Tarsila do Amaral (Capivari, São Paulo, 1886 – São Paulo, 1973)

⁶ Michael Jackson (Gary, EUA, 1958 - Los Angeles, EUA, 2009)

⁷ Marina Abramović (Belgrado, Sérvia, 1946).

Quais os desafios que você vivenciou ou vivencia na sua carreira?

O maior desafio foi quando me formei no IFAL, enquanto eu estudava lá eu recebia bolsa para trabalhar no ArtVírus, no Atelier aberto e auxílio permanência para alunos de baixa renda. Eu queria muito fazer graduação em Artes Visuais, mas em Alagoas não tinha, então eu tentei para outros estados, mas devido a uma série de impedimentos eu não consegui me matricular e isso me deixou arrasada por anos. Sem dinheiro, fui trabalhar e fazer graduação em História. Nesse período eu só tive a alegria de conhecer a minha esposa Isamara, que hoje é quem mais me apoia dando todo o suporte. Hoje eu sou artista independente e a Isa me assessora. O problema disso é a instabilidade financeira. Estamos investindo para diminuir isso, por enquanto a renda principal é da Isa.

Ao seu ver, as questões de gênero, raça, classe, sexualidade influenciam na visibilidade ou invisibilidade das artistas?

Influenciam diretamente. Alguns grupos não acessam as políticas públicas ou são apartados dos ambientes onde há uma movimentação cultural. Por exemplo, os eventos culturais costumam acontecer no período noturno e as pessoas que dependem de transporte público não podem frequentar porque os ônibus não rodam à noite. Expressões culturais populares como o passinho no bosque, a polícia geralmente enquadra para revistar. Não há grafiteiros na cidade. Não há mais apresentações de Drag Queens como eu via na escola quando eu era criança.

⁸ Magdalena Carmen Frida Kahlo y Calderón (Coyoacán, México, 1907 –1954)

¹⁰ Leonardo di Ser Piero da Vinci (Anchiano, Itália, 1452 – Amboise, Itália, 1519)

¹¹ Jeroen van Aken, conhecido como Hieronymus Bosch ou Jeroen Bosch Hertogenbosch (c. 1450 –1516)

¹² Berna Reale (Belém, Pará, 1966) – @bernareale

¹³ As Irmãs Petuba, de Arapiraca, Alagoas: Zenilda (1963), Zenaide (1965) e Zeneide (1967), filhas de Marinete (1944).

¹⁴ Marta Arruda – @marta_arruda

¹⁵ Judivan Lopes – @judivan1 – @judivan_xilo

¹⁶ Marta Eugenia de Oliveira – @martaugeniaoliveira

¹⁷ Ana Mae Barbosa (Rio de Janeiro, RJ, 1936).

Pensando no cenário alagoano, como é ser uma artista independente? Quais os incentivos que você recebe do Estado?

Temos o agravante de ser do interior, o estado de Alagoas ainda não descentralizou as políticas públicas da capital. O que mudou um pouco a realidade foram os incentivos federais através de leis de fomento à cultura, como a Lei Aldir Blanc e Lei Paulo Gustavo. A solução que encontrei ainda não é coletiva, mas quando tenho algum recurso eu viajo à Maceió para me entrosar mais no cenário de lá e ter algum espaço. O que temos feito é promover ações em Arapiraca para fortalecer a expressão local e a organização dos fazedores de cultura. No meu entendimento particular, a melhor opção seria sair para outro estado buscar melhores oportunidades, mas para mim ainda não foi possível, então enquanto eu estiver em Alagoas, estarei trabalhando para melhorar as condições por aqui.

Você poderia citar algumas artistas alagoanas que são referências para você?

Sim, da geração anterior tenho admiração por Marta Arruda, Irmãs Petuba, Mestra Nilvinha¹⁸, Sil da Capela¹⁹, Marta Eugênia²⁰ e as que considero os grandes nomes da atualidade são Bella²¹, Geo Brandão²², Guadalupe Ferreira²³, Naty Barros²⁴ e Marcela Fernanda²⁵.

¹⁸ Mestra Quitéria Bispo (Nilvinha).

¹⁹ Maria Luciene da Silva Siqueira, Sil da Capela (Cajueiro, Alagoas, 1979) - <https://artedosmestres.org.br/artistas/sil-da-capela-al/>

²⁰ Marta Eugenia - @martaeeugeniaoliveira

²¹ Ana Bella Garcia - @bellaanagarcia

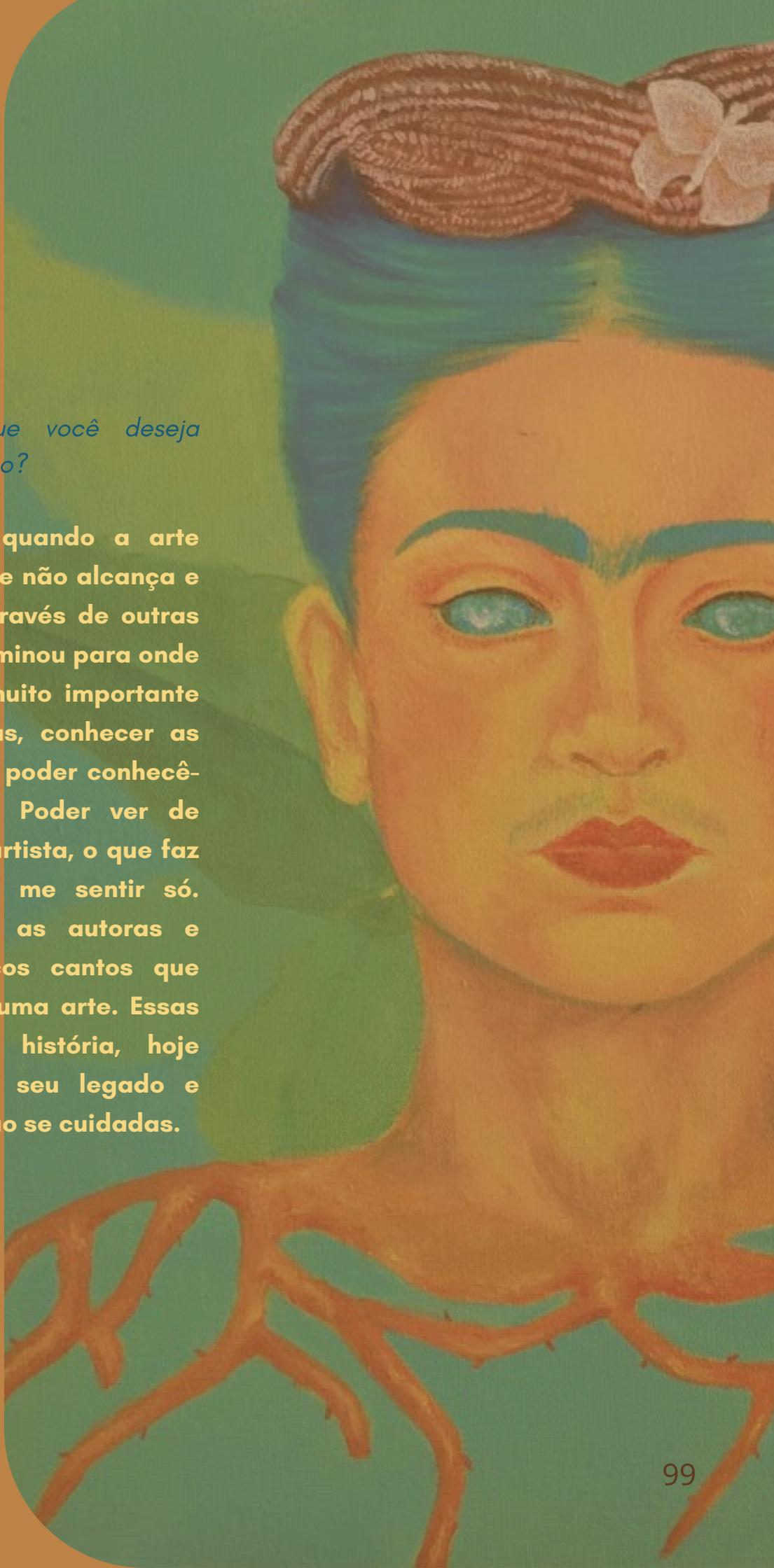
²² Geoneide Brandão - @geocentrismo

²³ Guadalupe Ferreira - @lokaducarimbo

²⁴ Naty Barros - @natybarrosn

Há algo mais que você deseja compartilhar conosco?

É um bom sinal quando a arte chega onde a gente não alcança e se alcançou foi através de outras pessoas que disseminou para onde precisava ir. Foi muito importante para mim, lá atrás, conhecer as artistas da terra e poder conhecê-las pessoalmente. Poder ver de perto o que é ser artista, o que faz um artista e não me sentir só. Poder reconhecer as autoras e autores nos poucos cantos que está instalada alguma arte. Essas mulheres fizeram história, hoje estão construindo seu legado e amanhã outras virão se cuidadas.



YARA PÃO



Maceió, Alagoas, 1998

@yarapao_

Foto: Ton_fotos

Quem é a Yara Pão?

Essa pergunta é difícil! A gente se descrever. Eu posso falar de algumas características pessoais que acredito que acabam permeando o meu trabalho. Eu me considero uma pessoa múltipla, versátil, eclética e isso se estende a várias situações, a gostos, sabores, a locais. Então, acho que isso, de alguma forma, acaba transcrevendo pelo meu trabalho, seja dentro de uma mesma obra ou em obras diferentes.

Como foi seu processo de descobrir-se artista, tornar-se artista?

A minha descoberta na arte começou pelo desenho, realmente, aquela coisa de desenhar no papel, banca de colégio, fazendo pequenas intervenções. Eu acho que esse mundo criativo foi uma coisa que nunca saiu de mim, algo que a gente tem quando criança, de brincar. Eu lembro que a minha brincadeira preferida era brincar de fofote¹, era uma bonequinha um pouco mais acessível e eu achava massa por ela ser pequena, e qualquer coisa se tornava gigante naquele universo. O mais legal era montar toda a realidade da boneca, não necessariamente fazer todo o jogo da vida, mas toda a preparação para, sabe? Eu acho que, de alguma forma, isso parece ser bem presente na minha vida, o modo de pensar. De uma forma mais prática começou, especificamente, em um dia que eu estava no Rex Bar, que é um bar de jazz bem conhecido em Maceió, no Bairro do Jaraguá e que antes ficava em uma praça aberta e pública, perto de um ponto de ônibus que tinha uma estrutura meio moderna, não lembro exatamente, mas tinha um estilo de época. O bar estava meio abandonado e, do nada, chegou uma galera e começou a intervir com graffite, com pintura. Aquilo me encantou muito. Nessa época eu já tinha feito umas pinturas e já tinha participado de uma exposição, mas nunca tinha ido para a rua. Foi nesse período que eu me conectei com essa galera da MCZ Crew² e fiz amizade com o Simplez³, Zatus⁴, Joe⁵, Ursa⁶, Ares⁷ e a gente saía para pintar na rua. O Graffite é um movimento que não espera nada em troca, algo espontâneo e é uma surpresa, você não sabe o que vai acontecer e existe uma receptividade que na maioria das vezes é muito positiva.

¹ Fofotes bonecas pequenas, do tamanho de uma caixa de fósforos, fabricadas na década de 1970 pela Trol e, posteriormente, na década de 1980 pela Estrela.

² MCZ Crew - @mczcrew

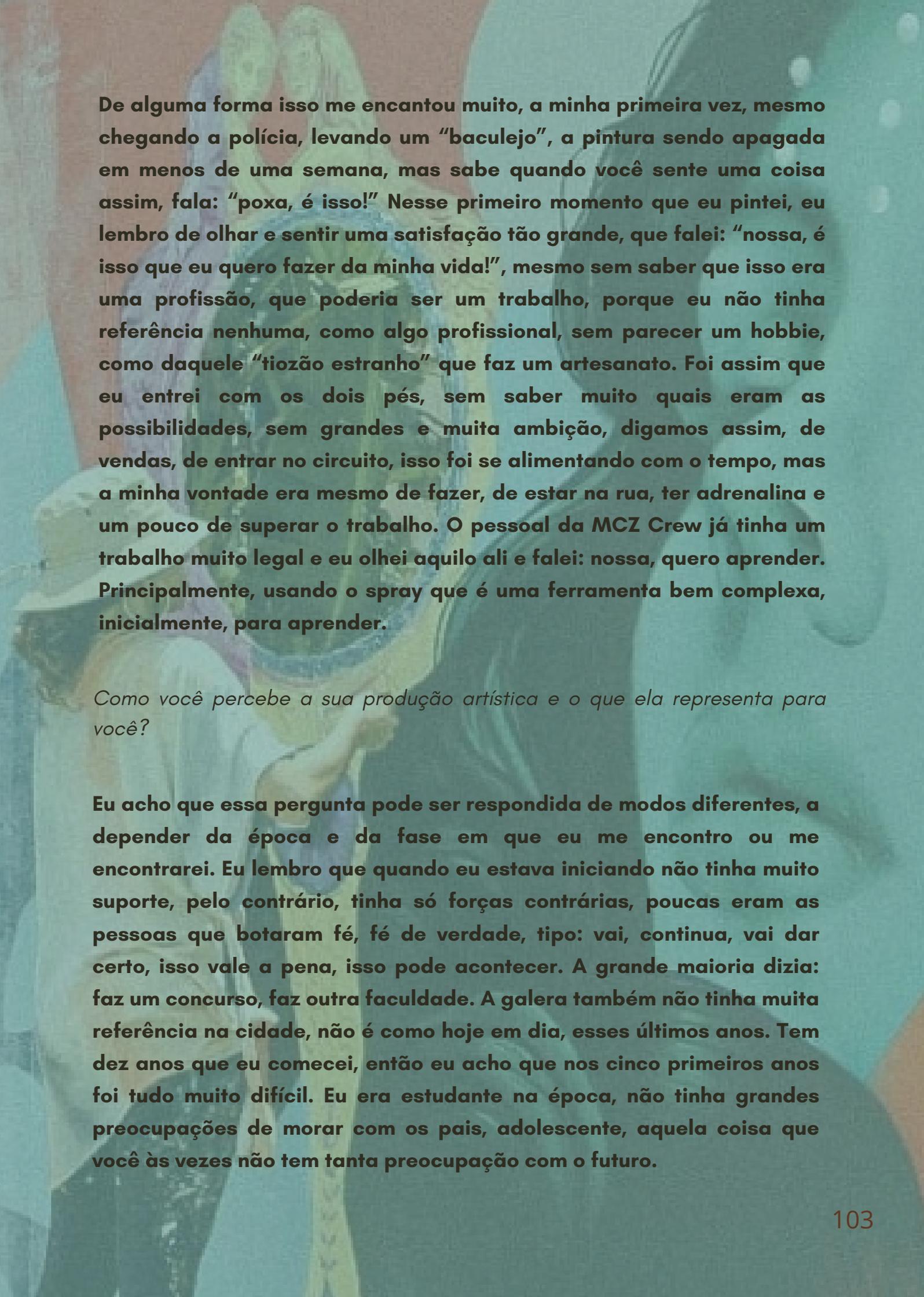
³ Simplez - @simplezart

⁴ Zatus - @zatus_

⁵ Joe - @santos.joe

⁶ Ursa - @ursamaiorrr

⁷ Ares - @alan.ares_

A person is shown from the side, wearing a white t-shirt and a dark cap, using a spray gun to paint a wall. The wall is covered in colorful graffiti, including a large blue and yellow figure. The person's hands are visible, holding the spray gun and a small container. The background is a blurred wall with more graffiti.

De alguma forma isso me encantou muito, a minha primeira vez, mesmo chegando a polícia, levando um “baculejo”, a pintura sendo apagada em menos de uma semana, mas sabe quando você sente uma coisa assim, fala: “poxa, é isso!” Nesse primeiro momento que eu pinte, eu lembro de olhar e sentir uma satisfação tão grande, que falei: “nossa, é isso que eu quero fazer da minha vida!”, mesmo sem saber que isso era uma profissão, que poderia ser um trabalho, porque eu não tinha referência nenhuma, como algo profissional, sem parecer um hobby, como daquele “tiozão estranho” que faz um artesanato. Foi assim que eu entrei com os dois pés, sem saber muito quais eram as possibilidades, sem grandes e muita ambição, digamos assim, de vendas, de entrar no circuito, isso foi se alimentando com o tempo, mas a minha vontade era mesmo de fazer, de estar na rua, ter adrenalina e um pouco de superar o trabalho. O pessoal da MCZ Crew já tinha um trabalho muito legal e eu olhei aquilo ali e falei: nossa, quero aprender. Principalmente, usando o spray que é uma ferramenta bem complexa, inicialmente, para aprender.

Como você percebe a sua produção artística e o que ela representa para você?

Eu acho que essa pergunta pode ser respondida de modos diferentes, a depender da época e da fase em que eu me encontro ou me encontrarei. Eu lembro que quando eu estava iniciando não tinha muito suporte, pelo contrário, tinha só forças contrárias, poucas eram as pessoas que botaram fé, fé de verdade, tipo: vai, continua, vai dar certo, isso vale a pena, isso pode acontecer. A grande maioria dizia: faz um concurso, faz outra faculdade. A galera também não tinha muita referência na cidade, não é como hoje em dia, esses últimos anos. Tem dez anos que eu comecei, então eu acho que nos cinco primeiros anos foi tudo muito difícil. Eu era estudante na época, não tinha grandes preocupações de morar com os pais, adolescente, aquela coisa que você às vezes não tem tanta preocupação com o futuro.

Quando as pessoas me questionavam sobre isso, eu tinha o pensamento muito firme que era a minha auto percepção que me retroalimenta e me retroalimenta do meu trabalho, como se eu quisesse viver e sobreviver bem e feliz em qualquer circunstância, se eu tiver o meu trabalho, se eu puder me expressar, se eu continuar pintando, é algo que vai estar comigo o resto da vida. Eu olho assim, algumas pessoas que já estão em uma idade mais avançada ou que se encontram na solidão, é algo que eu sinto, parece uma entidade ou algo assim que está comigo o tempo todo. Mesmo se o tempo passar e eu vier encontrar com a solidão, eu já conheci algumas pessoas que sentiram, verdadeiramente, a solidão, eu acho que a arte sempre será uma conexão forte, que vai aliviar um pouco, tanto o processo de estar fazendo quanto a possibilidade de conexão com outras pessoas. Eu sinto muito isso, para mim é como se eu pudesse entrar em qualquer ambiente, mais contrastante que for, e com a arte eu ter domínio do meu tempo, dos meus horários, do local que eu quero estar. Existe uma grande liberdade e autonomia, algo que eu já fui muito privada de viver. A arte, para mim representa isso também: liberdade, conexão, realização, satisfação, processo, descoberta.



Grafitte no Festival Concreto (Fortaleza - CE, 2024)

Os folgedos, as cores do guerreiro, eu acho que é algo que eu vejo como sendo único, a possibilidade de se diferenciar no mundo é quando a gente olha para dentro da nossa casa. Eu me sinto orgulhosa de ter coisas tão bonitas e tão próprias. A gente tem o filé⁸, algumas paisagens, o cavalo marinho, o farol da ponta verde, que às vezes parece algo clichê e turístico, mas é uma questão assim, que eu até deixo de usar por ser clichê, mas é algo tão visceral, das vivências, de momentos muito especiais que eu já tive na terra, é um sentimento que só, realmente, quem tem vai entender. Não é, simplesmente, alguém que passou de carro e olhou aquilo ali e parou para tirar uma foto, são vivências mesmo, são referências que partem de vivências reais, com sentimento.

A sua produção ocupa tanto espaços fechados quanto abertos. Como você começou a fazer arte urbana?

Foi no Rex¹⁰, na cidade mesmo, me tornei amiga do pessoal da MCZ Crew. Depois de alguns rolês e de pintar com eles, eu fui convidada para fazer parte e começou assim. Depois disso, eu nunca mais parei, a rua, a cidade, as paredes, vem sendo, realmente, o meu suporte principal até hoje.

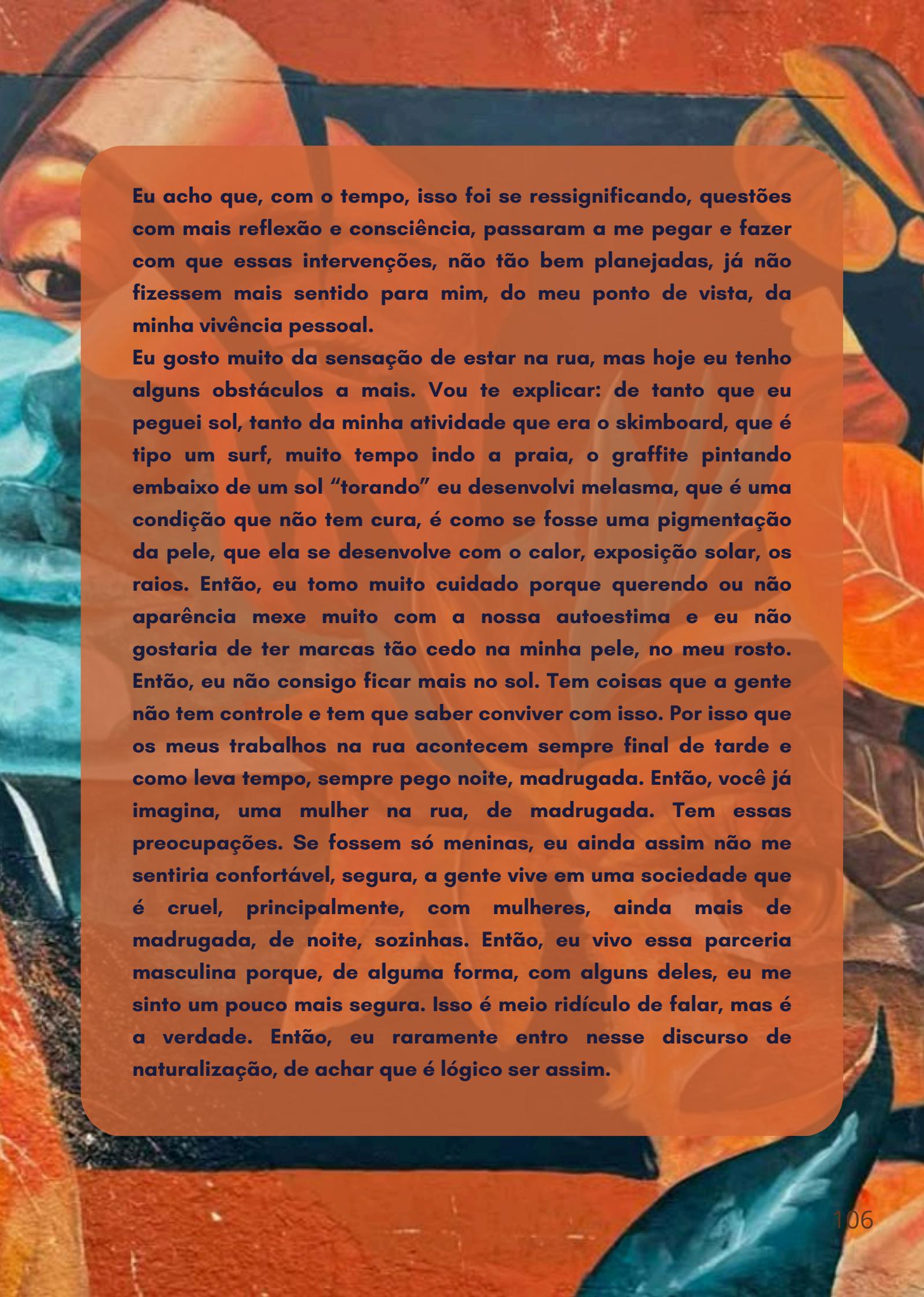
As suas criações estão presentes em diferentes muros de Maceió, integrando a paisagem urbana. Como você se sente quando vai pintar nesse espaço?

Esses sentimentos vão criando novos sentidos. Eu comecei muito pela adrenalina, pela admiração, pela vontade de aprender e desenvolver o trabalho. Depois, eu fazia uns pixos também e era mais pela adrenalina, pela ocupação, afirmação. Aquela coisa de iniciante, aquela afobação de querer estar presente, de ocupar.

⁸ Filé, do francês "filet", quer dizer rede, bordado sobre uma rede de fios - <https://artisol.org.br/inborda/>

⁹ Cavalo Marinho é um folgado cênico brasileiro, presente em Alagoas, Zona da Mata Setentrional de Pernambuco e agreste da Paraíba.

¹⁰ Rex Bar, de Maceió - @rexjazzbar



Eu acho que, com o tempo, isso foi se resignificando, questões com mais reflexão e consciência, passaram a me pegar e fazer com que essas intervenções, não tão bem planejadas, já não fizessem mais sentido para mim, do meu ponto de vista, da minha vivência pessoal.

Eu gosto muito da sensação de estar na rua, mas hoje eu tenho alguns obstáculos a mais. Vou te explicar: de tanto que eu peguei sol, tanto da minha atividade que era o skimboard, que é tipo um surf, muito tempo indo a praia, o graffite pintando embaixo de um sol “torando” eu desenvolvi melasma, que é uma condição que não tem cura, é como se fosse uma pigmentação da pele, que ela se desenvolve com o calor, exposição solar, os raios. Então, eu tomo muito cuidado porque querendo ou não aparência mexe muito com a nossa autoestima e eu não gostaria de ter marcas tão cedo na minha pele, no meu rosto. Então, eu não consigo ficar mais no sol. Tem coisas que a gente não tem controle e tem que saber conviver com isso. Por isso que os meus trabalhos na rua acontecem sempre final de tarde e como leva tempo, sempre pego noite, madrugada. Então, você já imagina, uma mulher na rua, de madrugada. Tem essas preocupações. Se fossem só meninas, eu ainda assim não me sentiria confortável, segura, a gente vive em uma sociedade que é cruel, principalmente, com mulheres, ainda mais de madrugada, de noite, sozinhas. Então, eu vivo essa parceria masculina porque, de alguma forma, com alguns deles, eu me sinto um pouco mais segura. Isso é meio ridículo de falar, mas é a verdade. Então, eu raramente entro nesse discurso de naturalização, de achar que é lógico ser assim.



Eu não estou fechando os olhos para a realidade, mas, enfim, talvez alguém entenda o que eu estou querendo dizer. Também tem uma questão de carregar peso, montar andaime, que é uma coisa que eu, hoje, enquanto profissional não tenho aquela disposição de fazer. Antes eu pegava o peso, tintas de 18 litros e, na época, eu não tinha carro, não tinha moto, não tinha muito recurso. Era tudo no “busão”, carregando peso, escada, montando as coisas e para delegar isso para outra mana fazer, é algo difícil, uma outra mana que pegue mesmo no rojão do peso. Tem outra questão diretamente do trabalho, a durabilidade. O graffite, nessa visão da arte contemporânea, vem com essa característica de ser algo efêmero e é um discurso que eu sempre abracei muito, de algo que reflete a vida, algo que não tem esse apego de ser para sempre e a vida é um só instante, e é rápido. Hoje, para mim, tanto esse discurso, sendo ele real ou não, quanto ver o trabalho deteriorado por conta do tempo, é algo que eu gostaria de ter mais controle. Por isso, eu fiz um curso de desenvolvimento de painel em azulejo com queima em alta temperatura porque esse pó cerâmico, digamos assim, o pigmento, a tinta que é colocado nesse azulejo é algo que se funde ao material e dura a vida toda. Então, esses azulejos, por exemplo, azulejos portugueses muito conhecidos ou até esses mais comerciais de cozinha, é um processo que passa por uma queima em alta temperatura que faz com que essa tinta se funda, algo que dura centenas de anos. É algo que eu gostaria de estar me envolvendo mais. Eu fiz esse curso, fiz algumas peças, mas ainda não fiz um trabalho comercial, mas eu sei como é que faz. Então, no dia que eu tiver a oportunidade, que um cliente falar que quer um trabalho que dure cem anos, eu vou conseguir entregar e, principalmente, na rua que tem muita exposição solar, chuva. É uma outra relação com o trabalho



Painel no festival Rua Walls (Rio de Janeiro, 2021).

O seu trabalho já ultrapassou os limites geográficos e chegou a outros estados, a exemplo, o Festival Rua Walls, no Rio de Janeiro. Como foi para você ter a possibilidade de expandir suas fronteiras e representar Alagoas?

Para mim foi meio inacreditável quando recebi o convite. Já tenho dez anos nesse rolê. Todo dia faço isso, e ainda bem que não perdi a motivação, mesmo que, de vez em quando, a gente desacredita, parece que algumas coisas são muito fora da realidade. Eu senti isso, na primeira vez que eu entrei na Pinacoteca daqui de Alagoas. Para mim era algo extraordinariamente distante e quando eu consegui passar foi uma sensação semelhante à de: caramba, eu cheguei em um lugar que desejei muito. Eu já conhecia o projeto Walls, eu via aqueles projetos e eu acho que eu nem cogitava muito a possibilidade de participar, receber um convite como esse, do nada, sem procurar ninguém e sem saber direito quem me indicou. Foi bem emocionante, surpreendente e foi uma experiência incrível, tudo o que aconteceu foi ótimo, tirando o calor. Foi uma experiência muito rica participar de um evento tão grande, pintando um espaço de referência, foi bastante fortalecedor na minha carreira.

Pensando no cenário alagoano, como é ser uma artista independente? Quais os incentivos que você recebe do Estado?

É corre! Tem que saber lidar bem com a liberdade. Antes mesmo de saber que eu queria ser artista, eu tinha plena convicção que eu queria liberdade. Eu sabia disso. Eu pensava que não poderia trabalhar com algo que me prendesse demais, por exemplo, médica, que eu ficasse em um único espaço. Eu quero algo que eu possa estar em qualquer lugar do mundo e que eu possa fazer os meus horários. Aliado a isso eu já tinha essa veia da criatividade comigo. Depende de muita organização também, é muito planejamento. Graças a Deus, hoje, eu já tenho uma cartela de clientes e de exposição em que eu não preciso fazer aquela captação de clientes, como geralmente é comum em outros empreendimentos e em qualquer área. O meu acontece de uma forma muito espontânea, no meu dia a dia, no meu processo. Acho que já consegui que as pessoas se interessem pelo meu trabalho a ponto de eu não precisar falar de preço, precisar falar que está à venda. As pessoas veem o trabalho, curtem e sentem o desejo de ter porque entendem, às vezes nem entendem, mas pelas referências de outras produções e acompanhando o processo e o valor agregado com as parcerias com outras grandes marcas, eu acho que isso ajuda também. Então é isso, é um corre que eu atiro para todos os lados, instituição privada, encomenda, uma produção feita e divulgada depois, edital. Estou atenta aos editais. Pela Lei Aldir Blanc já passei, Lei Paulo Gustavo, todos os projetos que eu escrevi desses editais, eu fui aprovada. Isso é algo que exige muita concentração, porque basicamente sou eu que faço tudo. Toda essa parada de escrever, contatos, clientes, grande parte, eu estou muito por dentro, muito envolvida e na frente. Então, não é só pintar, tem todo esse “rolezão” que dá bastante trabalho.



Ao seu ver, as questões de gênero, raça, classe, sexualidade influenciam na visibilidade ou invisibilidade das artistas?

Eu acho que influencia positivamente essas questões de raça, gênero, principalmente, nos editais, pelo menos nos editais em que eu participei e muitos deles relacionados a cultura dão bastante espaço. As galerias que eu visitei em São Paulo, eu percebi como essa questão de raça, gênero, representatividade sobre a causa, é um caminho com bastante visibilidade e de aceitação nesses espaços. É lógico que no senso comum, uma pessoa que, às vezes, está em um nicho, um local, por exemplo, uma pessoa que só está naquele ambiente de periferia, que não tem uma relação com outras instituições, que não tenha uma presença na rede social, é realmente bem excludente. Agora, se a pessoa tiver uma base mínima de formação e souber administrar, contar, lógico, com a questão da inclinação do talento, do estudo e da prática artística, eu acho que isso é, com certeza, um ponto muito positivo.



Festival Cena Nordeste (Aracaju, 2024).

Você poderia citar algumas artistas alagoanas que são referências para você?

A única pessoa que pintava que eu conhecia, de Graffite, do rolê mesmo intransigente da rua, era a Ursa. Ela veio morar em Maceió e acho que já veio com experiência de outros estados. E ela é uma mulher, parece uma menina, bem pequenininha, mas ela é gigante, o trabalho, a identidade que ela carrega, a luta que ela enfrenta. Tem a SerTão¹¹, sou fanzaça do trabalho dela, porque ela tem uma veia no marketing, uma inteligência bem marcante, ela conseguiu construir a identidade dela de uma forma muito assertiva. Ela conseguiu levar, representar o estado de uma forma muito bonita, eu fico muito orgulhosa. Tem também a Didi Magalhães¹², sou muito fã dela também. A Didi faz alguns murais, algumas pinturas, uma parada mais geométrica, colorida, mas ela se envolve com várias linguagens, se envolve com produção e eu sou fã desse talento, dessa dedicação de conseguir fazer tantas conexões e a organização que ela tem. Também tem a Geo¹³, alagoana do interior, uma pessoa que também veio desse corre arrastado, de baixo, com garra e perseverança. Ela também construiu a linguagem dela, as cores e está conseguindo viajar o Brasil inteiro com um trabalho cada vez mais reconhecido. Tem também a Joyce¹⁴, ela é uma mulher preta, mãe, que carrega muito essas características no trabalho, na personalidade. Ela é uma pessoa de uma personalidade muito firme, forte, que não segura a língua. Sempre que eu converso com ela, eu me arrepio muito, ela tem uma energia que me toca bastante, uma intensidade que contagia.

¹¹ Julia Maria - <https://www.sertaoencantado.com.br/> @s.e.r.tao

¹² Didi Magalhães - @didimagalhaes

¹³ Geoneide Brandão - @geocentrismo

¹⁴ Joyce Nobre Aristides - @joycwnobrearis - @nobreviverdearte

Tem muitas meninas e cada vez mais aparecendo e que eu fico orgulhosa. Eu gosto de pensar que quanto mais a gente cresce, em nível regional, nível Brasil, nível mundo, mais a nossa região vai sendo reconhecida e vamos tendo uma referência de onde podemos chegar. Tem muitas artistas, essas que eu falei são mais que eu conheci no fazer da rua, mas tem outras artistas, a Eva La Campion¹⁵, a Simone¹⁶, que são pessoas mais experientes, com um pouco mais de idade, tem a Verinha Gama¹⁷. Enfim, várias mulheres que eu sinto muito orgulho de poder ter tido um contato, uma troca, desenvolver algum projeto juntas, isso é algo que me engrandece em vários aspectos, intelectualmente, emocionalmente.

¹⁵ Eva Le Campion (Maceió, Alagoas, 1960) - @evalecampion

¹⁶ Simone Freitas - @simonefreitasarte

¹⁷ Vera Gamma - @veragamma.art

Há algo mais que você deseja compartilhar conosco?

Quando eu estive em São Paulo, no Museu de São Paulo, o MASP, realmente, você vê que, majoritariamente são homens expondo e as mulheres que aparecem, estão em grande maioria, expondo seus corpos. Tem até obras que falam sobre isso, criticam isso, e cada vez aparece mais e mais. Enfim, ainda são poucas mulheres realmente produzindo e eu não entendo muito bem porquê. Eu acho que cada mulher tem que trazer essa força dentro de si mesma e chegar com os dois pés mesmo, não para ser melhor do que ninguém, nos dois pés, modo de dizer. Sempre tem alguns episódios, sempre tem machismo, mas eu nunca deixei que isso me diminuísse. Já quase perdi amizade com os caras por falar o que eu penso, sempre tentando manter o respeito, sem querer atravessar ninguém, colocando meu ponto de vista, mas eu sei que muitas vezes incomoda. Tem muita gente boa pelo mundo e quanto mais o nosso trabalho for bem feito, a gente entregar qualidade, eu acredito que isso vai contar, porque eu vejo muita mana brilhando, sendo mulher, carregando as verdades de si, sabendo se comunicar, sabendo entrar e sair em todos os lugares, porque é tihoso mesmo, é um caminho que a gente tem que fazer, aprender a não só pintar. Pintar é só uma porcentagem, tem muitas outras coisas envolvidas para o corre se manter, se perpetuar e a luta continua. Eu li um livro que fala sobre guerra e batalha, que uma estratégia de se infiltrar no inimigo é se parecer com eles. E o inimigo que eu falo é a qualquer coisa que pode ser adversária, uma competição em potencial. E a minha parada é geralmente assim. Eu raramente vou cair de testa com alguém, com uma determinada causa. As minhas questões, geralmente, são mais pacíficas, mas tem as suas alfinetadas no momento certo, no local certo e, aos pouquinhos, a gente vai dando a contribuição como pode. Muitas vezes eu faço isso sem precisar gritar, a minha ferramenta é a própria ação, é estar, resistir, é continuar fazendo o que eu me propus a fazer.

Sobre as autoras

Luana Gregório Pereira é artista visual, bacharel em Comunicação Social pela Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, licenciada em Artes Visuais pela Faculdade Campos Elíseos (FCE), Especialista em Ensino de Artes pela faculdade Líbano, Mestre em Artes Visuais pelo Programa Associado de Pós-Graduação em Artes Visuais da UFPB/UFPE e professora de Arte da rede estadual de Alagoas. Integrante do grupo de pesquisa Ensino de Artes Visuais (GPEAV), vinculado ao PPGAV UFPB/UFPE - luanagregoriopereira@gmail.com



Maria Emilia Sardelich - Doutora em Educação, pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Professora adjunta da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Centro de Educação (CE), Departamento de Metodologia da Educação (DME). Pesquisadora permanente do Programa Associado de Pós-Graduação em Artes Visuais da UFPB e Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Sua atividade como docente e pesquisadora problematiza a performatividade dos atos visuais como atuações reiteradas que promovem, legitimam e sancionam normas relacionadas com o gênero, raça, classe social e diferença cultural - emisardelich@gmail.com

